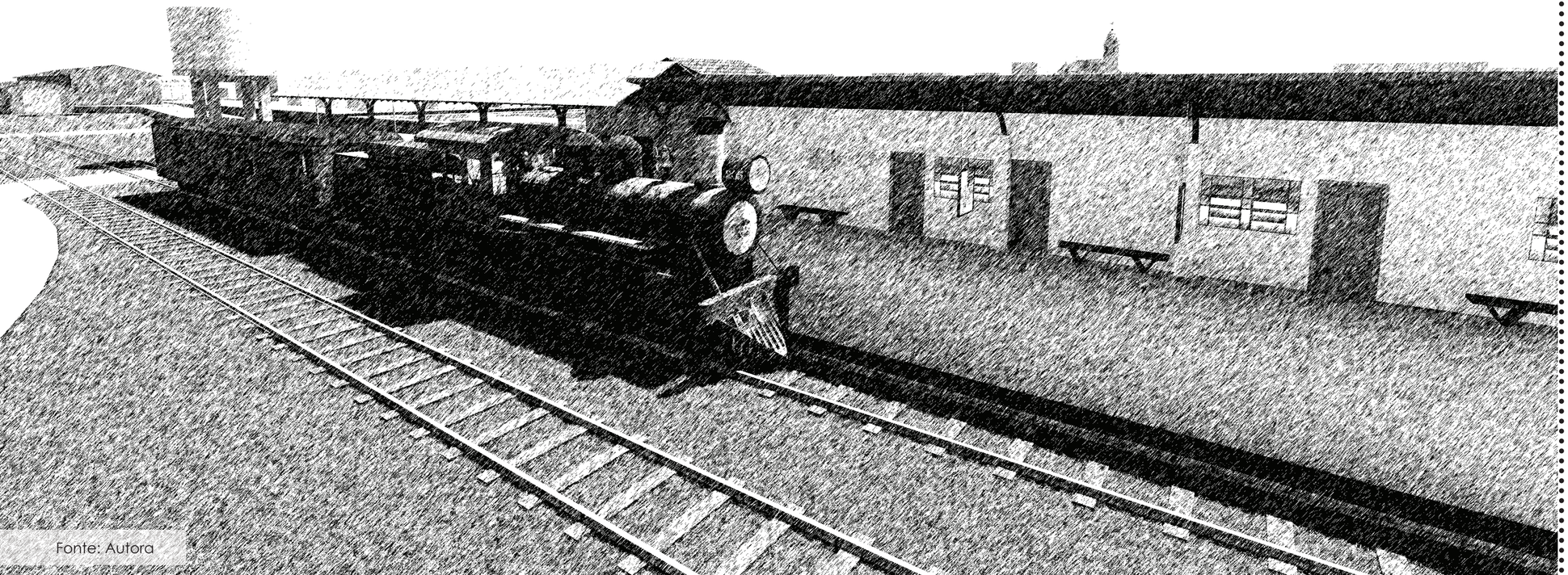
Qualificação de Vazio Urbano em Paraguaçu Paulista - SP



Jéssica Maria Luccini de Pádua



Fonte: Autora

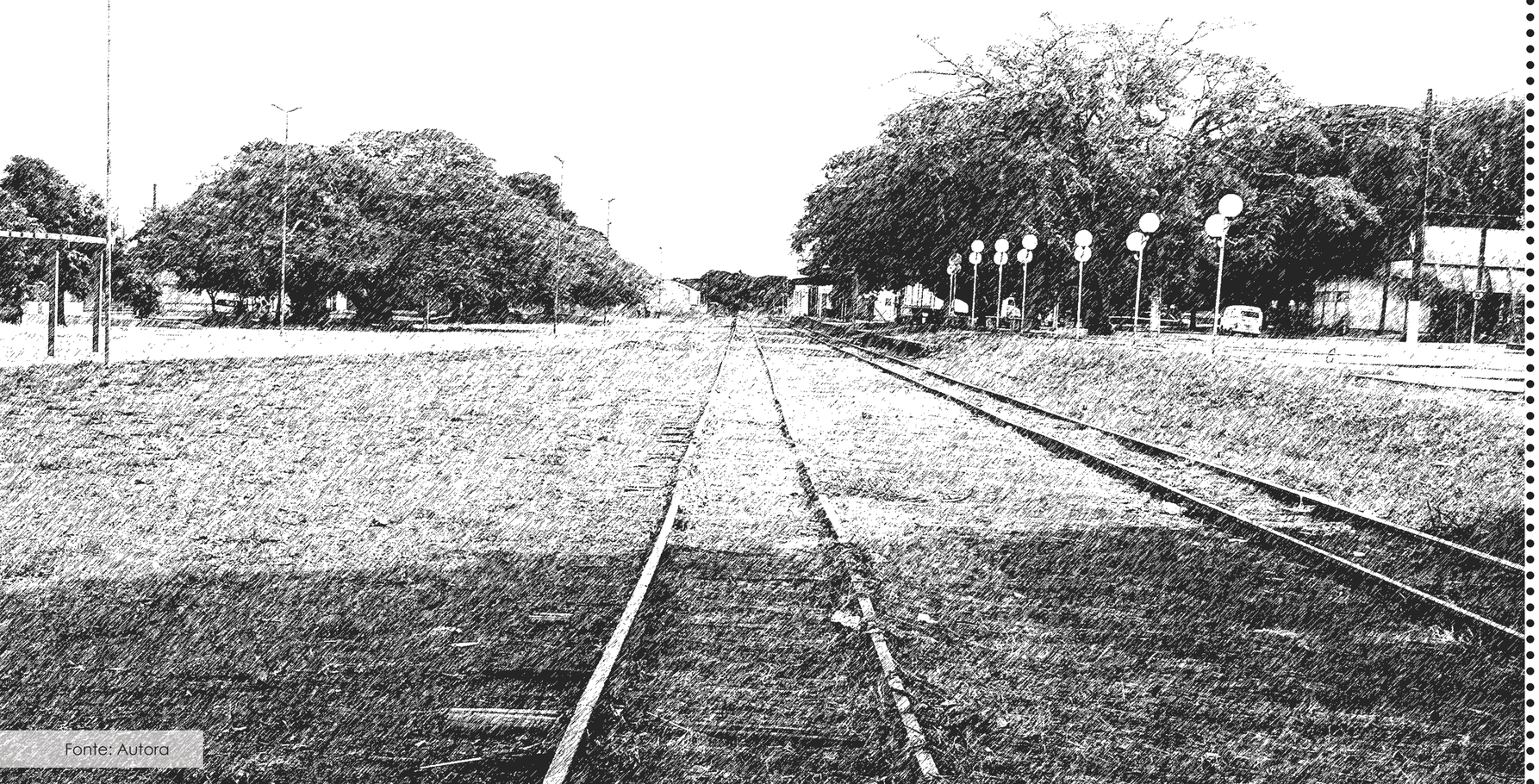
Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita Filho"
Faculdade de Ciências e Tecnologia
Campus de Presidente Prudente

QUALIFICAÇÃO DE VAZIO URBANO EM PARAGUAÇU PAULISTA - SP

JÉSSICA MARIA LUCCINI DE PÁDUA

Trabalho final de graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de São Paulo - UNESP de Presidente Prudente.
Orientação de Arlete Maria Francisco.

Presidente Prudente
2017



Fonte: Autora

"Para reencontrar o espírito de uma obra, um objeto, um parque, uma arquitetura... é preciso que ela represente uma alegria, um desafio, que envolva o fortuito. [...] Esta seria a forma de um objeto que voltou a ser cidade, onde seria novamente possível mover-se e não apenas trafegar, onde andar a pé e repousar voltariam a ser uma fantasia. Sonhar sempre é possível".

Jean Baudrillard

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, à minha família por todo apoio e incentivo. Aos meus pais, Carla e Ademir, e meu irmão Marco, por toda dedicação e esforço ao longo da minha vida, principalmente para eu chegar até aqui, sem vocês nada valeria a pena.

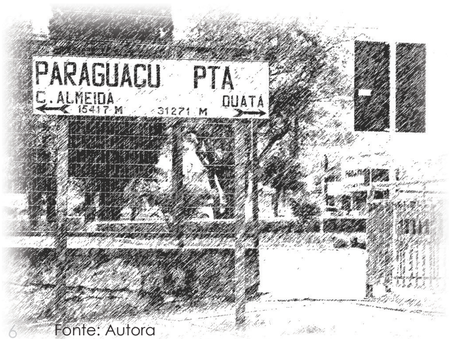
Ao meu namorado Caio, por ser meu ouvinte, por toda paciência, carinho e apoio, tornando esse caminho mais fácil.

À minha orientadora Arlete, por toda sua dedicação, ideias e ajuda prestada.

À minha orientadora inicial Sibila, por todo apoio, incentivo e ideias para o começo da realização desse trabalho.

Aos meus parentes e amigos, que me deram suporte por toda a minha vida. Principalmente aos amigos que conquistei durante esse curso, sem vocês essa jornada não seria a mesma, vocês fizeram desses 5 anos uma grande lição de vida. Agradeço a todo carinho e apoio que recebi durante o curso.

Aos professores em geral, por seus empenhos em nos tornar profissionais de qualidade.



Fonte: Autora

Resumo

Paraguaçu Paulista, cidade do interior de São Paulo, vem correndo o risco de perder seu título de Estância Turística, devido a falta de funcionamento e manutenção dos seus atrativos turísticos já existentes e a ausência de novos projetos. A cidade apresenta carência de projetos bem estruturados e equipados em seus espaços públicos. Outra problemática, é que a cidade é cortada pela linha férra, que acaba desempenhando papel de barreira urbana, tendo como consequência a ausência de usos nas áreas que se encontram nas suas margens, propiciando o surgimento de vazios urbanos. Essas áreas possuem implicações socioeconômicas, por não cumprirem sua função social, tendo, ao mesmo tempo, grande potencial para se tornar algo novo. O seguinte traballho tem como foco trabalhar com essas duas questões, qualificando o vazio urbano, tornando-o um novo atrativo para a cidade.

Palavras-chave: vazio urbano; atrativo turístico; espaço público;



A área de estudo

Fonte: Autora

Sumário

1 - Apresentação |11

2 - Fundamentação Teórica |15

2.1. - Barreiras Urbanas|16
2.2. - Segregação Socioespacial |17
2.3. - Vazios Urbanos |20
2.4. - Espaços Públicos |23
2.5. - Urbanidade |26

3 - Referências Projetuais |29

3.1. - Superkilen - Copenhagem, Dinamarca |30
3.2. - The Good Line - Sydney, Austrália | 34
3.3. - Cumberland Park - Nashville, United States |38

4 - Paraguaçu Paulista |43

4.1. - Estância Turística | 46
4.2. - Levantamentos |49
4.2.1. - Questionário | 58
4.2.2. - A área de Estudo |60

5 - O projeto|75

5.1. - Objetivos |76
5.2. - Diretrizes do Projeto |76
5.3. - Circuito | 77
5.4. - Etapas Gerais do Projeto|80
5.4.1. - Regularização e Implantação de calçadas |80
5.4.2. - Remoção |80
5.4.3. - Implantação de caminhos |80
5.4.4. - Delimitação das áreas |81
5.4.5. - Iluminação |81
5.4.6. - Mobiliário |81
5.4.6.1. - Abrigo |82
5.4.6.2. - Bancos ao redor das árvores |82
5.4.6.3. - Mesa de jogos |83
5.4.6.4. - Mesa da área de alimentação |84
5.4.6.5. - Cobertura da área de alimentação |84
5.4.6.6. - Bancos |85
5.4.7. - Rampas e Escadas |85
5.5. - Planta |86
5.6. - Perfis |88
5.7. - Mapa de Iluminação|89
5.8. - Áreas do Projeto |90
5.8.1. - Área de Estar com Abrigos |90
5.8.2. - Cinema ao ar livre |91
5.8.3. - Cortina Vegetal | 92
5.8.4. - Parede de Escalada |93
5.8.5. - Quadra Poliesportiva |94
5.8.6. - Área de Skate e Patins |95
5.8.7. - Área de Mesa de jogos |96
5.8.8. - Playground Infantil |97
5.8.9. - Teia |99
5.8.10. - Áreas de Estar e Contemplação |100
5.8.11. - Fonte Interativa |102
5.8.12. - A Estação |103
5.8.13. - Área de Alimentação |104
5.9. - Paisagismo |106

6 - Referências|115



A área de estudo

Fonte: Autora

1.

Apresentação

Introdução

Paraguaçu Paulista, cidade do interior de São Paulo, localizada na porção centro-oeste do Estado, é um dos 29 municípios paulistas considerados Estâncias Turísticas. A cidade vem correndo o risco de perder esse título devido à má gestão, à precária manutenção dos atrativos turísticos já existentes e a falta de criação de novos projetos. Para manter esse título as cidades precisam apresentar condições de lazer, recreação, recursos naturais e culturais específicos, infraestrutura e serviços relacionados à atividade turística, planejamento adequado para fomentar tradição, cultura e preservação de patrimônios históricos. Paraguaçu não apresenta todos os itens citados, sendo então necessária, além da conservação dos atrativos já existentes, a criação de novos projetos que atraiam visitantes. Uma das carências da cidade é a ausência de um espaço público bem estruturado.

Outra problemática, é que a cidade encontra-se segregada socioespacialmente, apresentando como elemento divisor a linha férrea, que acaba desempenhando papel de barreira urbana, tendo como consequência o surgimento de áreas sem uso em suas margens, criando espaços vazios e abandonados, conhecidos atualmente como vazios urbanos.

As cidades estão em constante movimento e mudança devido às ações do homem, variando suas condições sociais, econômicas, culturais e ambientais (DITTMAR, 2006). Os seus espaços também estão sempre se modificando, o que acaba dando origem aos vazios urbanos, espaços sem planejamento adequado. Os vazios urbanos possuem implicações socioeconômicas, já que se tratam de porções de terra que não cumprem sua função social, não dando algum retorno a população, usufruindo de dinheiro público investido em uma infraestrutura urbana que acaba não sendo utilizada. São áreas de grande potencial para se tornar algo novo, mas que acabam sendo esquecidas e deixadas alheias a cidade.

A ferrovia já desempenha papel de barreira urbana por si só, e ao se juntar a esse vazio urbano acaba intensificando a segregação da cidade.

O seguinte trabalho tem como foco a qualificação do vazio urbano que surgiu através do desuso da linha férrea na área central da cidade, uma área bem localizada, com grande potencial turístico, e com grande potencial para se tornar um espaço público que dê retorno positivo para a cidade, incentivando o rompimento dessas barreiras e maior integração das áreas e das pessoas, através da criação de fluxos, meios de permanência, acessibilidade, urbanidade, propiciando o contato com a diversidade. Assim, criar um projeto que funcione como um novo atrativo para a cidade, de modo que a ajude a manter seu título de Estância Turística - algo de estimado valor pela população - de maneira que as pessoas se sintam convidadas a utilizar e permanecer, dando uma nova identidade ao lugar.

Justificativa

Paraguaçu Paulista é considerada um potencial pólo de desenvolvimento no setor de entretenimento cultural, natural, rural e de lazer, sendo de grande importância econômica e cultural manter o seu Título de Estância Turística, algo que dá identidade para a cidade e sua população. A criação de novos projetos que atraiam visitantes, possibilita que a cidade mantenha o seu Título.

Na busca de soluções, encontra-se outra problemática, a existência de vazios urbanos ao longo da linha férra. Graças ao grande potencial que essas áreas apresentam, encontra-se como solução a utilização de uma dessas áreas para a criação de um novo espaço, que além de atrair visitantes, possa suprir as carências da própria cidade.



Fonte: Autora

Objetivos

Criar um novo atrativo que auxilie a cidade a manter seu título de Estância Turística através da qualificação de um vazio urbano.

Objetivos Específicos

- Criar um circuito que atraia o olhar das pessoas para os atrativos turísticos já existentes;
- Criar um novo atrativo em uma área que se encontrava vazia e sem uso, na forma de um espaço público de qualidade, na tentativa de suprir a necessidade de equipamentos que a cidade possui;
- Incentivar a prática de urbanidade nesse espaço;
- Incentivar o rompimento da barreira imposta pela ferrovia junto do vazio urbano;



A área de estudo

Fonte: Autora

2.

Fundamentação Teórica

Este capítulo se divide em 5 subitens, com o objetivo de abordar alguns temas que são essenciais para o entendimento e embasamento do trabalho. O primeiro, segundo e terceiro discutem sobre problemáticas encontradas nas cidades contemporâneas, suas causas e conseqüências. O quarto e quinto abordam necessidades e soluções encontradas para se obter uma cidade e espaços de maior qualidade e identidade da população.

2.1. Barreiras Urbanas

As barreiras urbanas são grandes condicionantes da segregação espacial. Segundo Paiva (2015), o termo barreira é associado à ideia de obstáculo de crescimento da cidade, algo que impede ou bloqueia. Para ela, as barreiras podem ser um obstáculo geográfico (elementos naturais que dividem o espaço como relevo, curso d'água, entre outros) ou um obstáculo construído (elementos edificados pelo homem que acabam rompendo o tecido da cidade, como uma muralha, vias, linhas férreas, entre outros).

> *Os limites, sejam eles vias-férreas, topográficos, passagens, fronteiras de bairros, são uma característica típica deste ambiente e contribuem para a sua fragmentação. (LYNCH, 1960, p.75)*

Para Figueiredo (2010), o ambiente natural e o construído formam um sistema de barreiras e espaços abertos, em que as barreiras acabam separando as pessoas e a troca de ideias, enquanto os espaços abertos criam oportunidade de encontros e interações. O autor conclui que a frequência e a intensidade da participação das pessoas nos processos da cidade variam de acordo com a capacidade delas de vencer as barreiras e distâncias.

As barreiras podem ser lineares ou em zonas, podendo ser interditas, sem limites definidos, sendo difícil de atravessar ou incontornável. Existem não só barreiras físicas, mas psicológicas e políticas, em que todas possuem papéis importantes no espaço, e uma tem como consequência a outra. É um espaço reservado, que não permite uma plena comunicação entre áreas vizinhas opostas, modificando o seu entorno. (PAIVA, 2015)

Segundo Jacobs (2007), há uma tendência de simplificação dos usos que as pessoas dão às áreas próximas à fronteira, que acaba por atrair menos frequentadores, com menos opções e destinos a seu alcance, o que contribui para a existência de áreas vazias e desocupadas. Para a autora, a linha férrea é um exemplo clássico de fronteira, que separa a cidade em dois lados, sendo um mais valorizado que o outro, em que as áreas que margeiam a ferrovia de ambos os lados acabam sendo as mais afetadas, criando áreas vazias, sem uso e abandonadas, conhecidas como vazios urbanos.

Na Figura 01, um exemplo clássico de barreira urbana que segregava a cidade de Cheonggycheon, na Coreia do Sul, que acaba sendo demolido e dando lugar à um espaço público, que ao invés de segregar, acaba incentivando a integração das áreas e das pessoas.

Figura 01 - Viaduto que desempenhava papel de barreira urbana segregando a cidade, dá lugar à parque em Cheonggyecheon na Coreia do Sul



Fonte: apresentação do Dr In-Keun Lee e de Mauri Cesar Barbosa Pereira

2.2. Segregação Socioespacial

As ferrovias são conhecidas por induzir o desenho urbano, sendo a sua transposição uma problemática para o desenvolvimento da malha das cidades. A ferrovia desempenha um importante papel estruturante nas cidades, tanto em relação às direções e intensidade da expansão territorial quanto à distribuição territorial das camadas sociais. (VILLAÇA, 1998)

De acordo com Villaça (1998), no inicio de sua expansão, o espaço urbano de algumas cidades se depara com a linha férrea, que é considerada por ele como uma barreira urbana que acaba dividindo-o em duas partes, consideradas como o 'lado de cá' (lado onde está localizado o centro) e o 'lado de lá' (lado oposto ao centro) da linha, sendo um lado mais valorizado que o outro. De inicio, o lado em que está o centro tende a abrigar um crescimento urbano maior que o outro lado, já que o acesso a ele é um elemento fundamental em qualquer cidade.

Em inúmeros casos a ferrovia induz o crescimento das cidades a partir da estação central, mas estabelece também um grande limite do centro. As áreas do lado do centro se valorizam diferencialmente das que ficaram no lado oposto da linha do trem, constituindo-se assim um marco norteador de diferenças locacionais. (QUEIROGA, 2011)

Para Villaça (1998), as camadas de renda mais alta sempre acabam se concentrando no lado de maior vantagem e, consequentemente, expulsando as de baixa renda para o lado que é mais desvantajoso. Assim, se dá inicio ao processo de segregação socioespacial urbano. Para ele, a segregação das classes sociais é a maior responsável pela estruturação das cidades, e a define como "um processo segundo o qual diferentes classes ou camadas sociais tendem a se concentrar cada vez mais em diferentes regiões gerais ou conjuntos de bairros da metrópole" (VILLAÇA, 1998, p.142). Mas, isso não impede a presença nem o crescimento de classes diferentes num mesmo espaço, o que há é a predominância de determinada classe em uma mesma região.

A segregação surge através de uma luta ou disputa por localizações entre grupos ou classes sociais, sendo um processo necessário à dominação social, econômica e política por meio do espaço. Um espaço urbano melhor servido, seja qual for o motivo, atrai os mais ricos, os de maior prestígio, poder e status. Há a existência de pressão dessa classe de maior poder econômico e político sobre o Estado, visando promover uma distribuição desigual de investimentos em infraestrutura. (VILLAÇA, 1998)

A segregação socioespacial possui duas dimensões, a objetiva e a subjetiva. A primeira se dá na separação de diferentes segmentos sociais na estruturação do espaço

urbano, o distanciamento entre diferentes classes. Isso pode ser percebido através da implantação de loteamentos e condomínios fechados e no surgimento de favelas, entre outros. A segunda permite entender como as pessoas se sentem sobre os espaços da cidade e como os percebem, podendo se sentir, por exemplo, afastadas, isoladas, marginalizadas, entre outros. Isso tem como resultado a desintegração social (ROMA, 2008).

Segundo Rolnik (2002), o que acarreta a produção da diferenciação de distribuição territorial não é a ausência de planos urbanísticos ou de políticas urbanas, mas a existência de planos, políticas, estratégias de ocupação, normas de uso e ocupação do solo que excluem, que não são feitas pensando em generalizar a qualidade de vida de toda a cidade, mas para manter os poucos espaços com boa estrutura, que por consequência possuem valor elevado, nas mãos da minoria, o que acaba impedindo o compartilhamento e apropriação desses espaços.

A classe dominante comanda a apropriação diferenciada das vantagens e dos recursos do espaço urbano, onde a vantagem mais decisiva é a otimização de tempo de deslocamento das pessoas, o acesso às diversas localizações urbanas, especialmente ao centro. Essa distribuição desigual de infraestrutura propicia a valorização imobiliária das áreas mais próximas ao centro, em detrimento das áreas opostas a ele, de maneira que fica clara a diferença econômica dos mesmos. (VILLAÇA, 1998)

De acordo com Roma (2008), na sociedade capitalista brasileira, graças às lógicas de estruturação espacial em que as cidades estão submetidas e à produção social que arquiteta os espaços, as pessoas de poder aquisitivo menor não têm direito de decidir onde morar, elas moram onde o preço da mercadoria terra/edificação é menor e cabe em seu orçamento. É a partir dessa produção do espaço urbano que surgem, se mantêm e se intensifica processos como o da segregação socioespacial.

Segundo Villaça (1998), pode-se dizer então que existe uma correlação entre a ação do Estado na concepção de equipamentos urbanos e a segregação "quanto mais essas camadas se concentram em determinada região da cidade, mais elas procuram trazer para essa mesma região importantes equipamentos urbanos". (p.321)

Os espaços são produzidos por agentes sociais, onde alguns segmentos obtêm vantagens locacionais enquanto outros não, o que resulta na diferenciação social e espacial, intensificando os conflitos sociais. (ROMA, 2008)

Na Figura 02, pode ser visto o contraste entre a Favela da Rocinha e o restante da cidade, duas realidades completamente diferentes.

Figura 02 - Favela da Rocinha em contraste com o restante da cidade



Foto: Agencia Estado

Ainda para Villaça (1998, p. 148), "a segregação é um processo dialético, em que a segregação de uns provoca, ao mesmo tempo e pelo mesmo processo, a segregação de outros". No momento em que a classe mais alta escolheu se instalar no lado em que está o centro, melhor munido de equipamentos urbanos e infraestrutura, o que sobrou para classe mais baixa foi o espaço menos servido.

Um aspecto comum a todas as cidades brasileiras é o contraste entre uma parte da cidade que detêm algum aspecto de urbanidade, pavimentação, ajardinamento, arborização, infraestrutura completa - independente da qualidade - e outra parte, geralmente maior que a primeira, que possui uma infraestrutura incompleta, sem a existência de urbanismo, longe da ideia de cidade. Essa contraposição entre uma minoria qualificada e uma maioria desprovida de condições urbanísticas adequadas, relaciona-se com todas as formas de desigualdade, criando uma condição de exclusão territorial. A população com realidade desfavorável acaba tendo pouco acesso às possibilidades de trabalho, cultura e lazer. (ROLNIK, 2002)

A estruturação interna do espaço urbano acaba por se conceber sob a influência de forças que representam o interesse de consumo das camadas de renda mais alta.
Isso acontece graças ao conflito de classes em volta das vantagens de desvantagens que espaço urbano pode oferecer. (VILLAÇA, 1998)

Os processos de separação dos segmentos sociais, divisão social do trabalho e desenvolvimento do mundo das informações são consequência do processo de urbanização da sociedade, não acontecendo exclusivamente nas cidades que sofrem do processo de metropolização, podendo ocorrer também nas cidades médias e pequenas. (ROMA, 2008)

O processo de segregação socioespacial está na base da sociedade capitalista marcada, cada vez mais, pelos conflitos sociais e pela estratificação social, dividindo e separando espaços e pessoas. Pode se constituir em todas as cidades, desde as pequenas até as grandes metrópoles, mesmo que em escalas e níveis de apreensão diferentes, pois sua ocorrência está ligada à organização da sociedade que mantém e fortalece as desigualdades sociais. (ROMA, 2008, p. 58)

2.3. Vazios Urbanos

As ações antrópicas refletem na paisagem das cidades, criando um ambiente que está em constante mudança, com alterações nas condições culturais, sociais, econômicas e ecológicas. Essas modificações, enquanto ambiente, função e uso, originam uma nova tipologia de espaços que vêm sendo comuns nas cidades, os vazios urbanos. (DITTMAR, 2006)

Segundo o dicionário Houaiss (2001), o termo 'vazio', do latim vacivus, significa o que não contém nada, que não há ocupantes ou frequentadores, ocioso, despovoado, vago, devoluto, vacante, subutilizado, destituído de qualidades positivas e propósitos, inútil, ausência de conteúdo, espaço desabitado dentro de uma área habitada.

Segundo Dittmar (2006), os vazios urbanos são espaços originários de um processo de planejamento que não consegue resolver totalmente as questões relativas à ocupação desses espaços, que podem ser considerados residuais (vazio físico e de uso, espaços intersticiais, as "sobras", como as orlas rodoviárias, ferroviárias, de rios, entre outros), remanescentes urbanos (espaços abandonados, vazios de uso, que já possuíram um uso que hoje não existe mais) ou áreas ociosas (vazios físicos, espaços subutilizados). São lugares de importância quando levada em conta a aplicação de recursos, podendo ser potenciais urbanos.

Geralmente são frutos da desarticulação do traçado urbano, da especulação imobiliária e da decadência industrial, tornando-se áreas sem uso e degradadas, perdendo sua identidade na vivência da cidade e de sua paisagem. Podem ser considerados fragmentos de uma memória de uma paisagem que se modificou. (DITTMAR, 2006)

Para Portas (2000, p. 01), a falta de um bom planejamento para essas áreas usa do investimento econômico de maneira errônea, tendo como resultado áreas que não funcionam bem, ou por falta de vocação para alguma atividade ou por não possuir conteúdo social.

Solà-Morales (2002) utiliza a expressão francesa *terrain vague* para se referir aos vazios urbanos, devido à multiplicidade de significados que ela permite, no sentido de vazio e improdutivo, e também no sentido de indefinido e vago. Define *terrain vague* como "lugares aparentemente esquecidos onde parece predominar a memória do passado sobre o presente. São lugares obsoletos nos quais apenas certos valores residuais parecem manter-se apesar da sua completa desafectação da actividade da cidade" (SOLÀ-MORALES, 2002, p. 187). Para o autor, é referente ao tempo histórico, resultado do encontro entre passado e presente, identidade e memória do lugar.

Clemente (2011) define vazio urbano como um espaço que não foi concebido como livre público, que se encontra localizado dentro da área urbanizada, mas não possui ocupação e/ou uso, e que devido à sua improdutividade acaba acarretando uma conotação negativa, mas que trás consigo a possibilidade de uma transformação futura.

> *Geralmente, associa-se a expressão vazio urbano a uma abordagem negativa de espaços abandonados, degradados, estagnados, em ruínas, desprovidos de uso e considerados, sobretudo, inúteis à cidade. No entanto, um ponto comum a algumas definições encontradas é que os vazios urbanos constituem espaços de transição temporal com potencialidades para transformações [...] Dessa forma, o vazio pode ser entendido como potência, como algo que ainda não existe no plano material, mas que significa energia de fazer. (CLEMENTE, 2011, p.8)*

Para Dittmar (2006), é preciso identificar e entender esses espaços nas cidades, para requalificá-los e dar a eles identidades.

É importante ressaltar que a expressão vazio urbano pode se referir a lotes vagos e também a edificações que não estão sendo usadas e não cumprem sua função social, desde que estejam inseridas em área urbanizada. (CLEMENTE, 2011)

Com as transformações econômicas e sociais que vem ocorrendo nas cidades, o tema vazio urbano vem ganhando destaque, já que possui implicações socioeconômicas, pois envolve a mercadoria terra, tema de disputas por se tratar de um bem esgotável, e o não uso da infraestrutura urbana ao qual possui acesso. Houve investimento e gastos em uma área que não está cumprindo sua função social. (DITTMAR, 2006)

> *A análise da dimensão contemporânea dos vazios urbanos em seus aspectos formais, funcionais, sociais, econômicos e simbólicos, de acordo com uma visão interdisciplinar, aqui desenvolvida, considera a necessidade de desnaturalização do tema. Esta compreensão é especialmente relevante no contexto brasileiro, onde se verifica, ao se contrapor o custo da infra-estrutura já alocada ao processo de periferização que caracterizou a formação metropolitana, que a presença desses vazios na malha consolidada é a expressão de uma perversidade em termos sociais. Busca-se, assim, fornecer subsídios para a elaboração de propostas diferenciadas que contribuam para minimizar o grave quadro de desigualdade e injustiça sociais expresso na existência, e na permanência, dessas situações de vazios urbanos. (BORDE, 2006, p.3)*

Os espaços vazios são consequência da ação do mercado de terras, dos atores privados e da políticas dos agentes governamentais. Segundo Dittmar (2006, p.27), "o papel destes espaços poderia ser transformado se sua gestão fizesse parte das políticas de eqüidade urbana, atendendo tanto aos objetivos dos dirigentes quanto aos anseios dos diversos setores sociais envolvidos".

Segundo Nascimento (2014), os vazios urbanos estão cada vez mais presentes, tendo relação com a ampliação da produção capitalista no espaço urbano, quando o fator terra urbana se torna uma forma de acumulação de capital, o que reflete na produção das cidades e em sua forma urbana. As existências desses vazios estão, muitas vezes, ligadas à especulação do uso do solo, com objetivo de obter a maior renda possível da terra urbana.

Na tentativa de evitar com que isso aconteça foi criado o Estatuto das Cidades, uma lei que dispõe normas de ordem pública e interesse social regulando o uso da propriedade urbana visando ao bem de todos os cidadãos. Ela foi instituída pela Lei Federal nº 10.257, de 10 de julho de 2001.

A lei resultou em importantes modificações nas políticas públicas, principalmente em relação ao uso do solo urbano não edificado, subutilizado ou não utilizado, instituindo meios legais e estabelecendo obrigatoriedade de ocupação desses espaços, e os cuidados necessários com a terra urbana.

Segundo Clemente (2011), um solo urbano não edificado é um solo nunca antes utilizado ou fruto de demolição. Um solo urbano subutilizado possui algum uso/ocupação, mesmo que parcial ou temporário, mas pode ser verificado um processo de desestabilização, deterioração ou ociosidade. E o solo

urbano não utilizado pode possuir edificação, mas ela deve se encontrar sem uso ou muito deteriorada e com péssima conservação, podendo ser considerada ruína.

O Estatuto regulamentou os artigos 182 e 183 da Constituição Federal Brasileira, prevendo medidas para as áreas vazias da cidade, dentre elas o estabelecimento da função social da propriedade urbana, que obriga a utilização adequada do solo que é expressa no Plano Diretor de cada cidade, com a criação de penalidades caso haja o descumprimento, como o parcelamento ou edificação compulsório, a aplicação de imposto sobre a propriedade predial e territorial urbano progressivo no tempo – que permite o governo municipal aumentar, progressivamente, o valor da alíquota do IPTU de um imóvel caso o proprietário não o de utilização conforme o Plano Diretor da cidade - e a desapropriação com pagamento mediante títulos da dívida pública, assegurados o valor real da indenização e os juros legais.

A legislação procura garantir o direito da cidade para todos, direito à terra urbana, saneamento ambiental, infraestrutura urbana, transportes, serviços e lazer. Ela busca evitar, então, a utilização inadequada de imóveis urbanos, proximidade com usos incompatíveis, usos excessivos ou inadequados da infraestrutura urbana, retenção especulativa do imóvel através da subutilização ou não utilização, deterioração de áreas urbanizadas, entre outros.

Pode-se dizer que os vazios urbanos não cumprem sua função social, já que são áreas sem uso e ociosas, localizadas em partes da cidade que possuem infraestrutura consolidada mas que não estão sendo utilizada de forma eficiente por eles, que não estão de acordo e não atendem aos anseios sociais que deveriam refletir no bem coletivo da cidade e não apenas no individual. Uma propriedade que cumpre sua função social deveria ser justificada pelos seus serviços e funções, e quando a área está desocupada e abandonada isso não acontece. Os vazios urbanos devem ser ocupados e reutilizados de maneira que tragam algum retorno positivo para a população.

2.4. Espaços Públicos

A configuração da paisagem da cidade depende de como os habitantes se distribuem no ambiente urbano e utilizam o espaço, da forma de uso do solo e da maneira como as edificações são distribuídas nele. Nessa configuração, estão inseridos os espaços livres de edificação. (CUNHA, 2003)

Segundo Cunha (2003), os espaços livres desempenham nas cidades importantes papéis funcionais, ambientais, sociais e culturais, agregando qualidade ao ambiente urbano, contribuindo para a funcionalidade, salubridade e sociabilidade. São gerados por três fatores básicos: sistema viário (vias de circulação em geral); áreas de lazer (parques, praças, entre outros); recuos obrigatórios nos lotes (recuo de fachada, quintal, entre outros).

> *O sistema dos espaços livres urbanos constitui um complexo em inter-relação com outros sistemas - de drenagem, de transportes, de proteção - cujas funções podem com as dele coincidir ou apenas justapor-se, tecendo relações de conectividade e complementaridade com a preservação, a conservação e a requalificação ambientais, a circulação e a drenagem urbanas, as atividades de lazer, o imaginário, a memória e o convívio social públicos. (LEITE, 2011, p. 02).*

Quanto aos espaços abertos de uso público, Cunha (2003) afirma que são as vias de circulação, os estacionamentos públicos, as áreas de lazer, os lotes públicos, os terrenos baldios e as áreas naturais de acesso livre ao público que podem ser utilizadas para lazer.

Para Leite (2011), os espaços públicos são espaços que têm relação com a vida pública, com a urbanidade, possibilitando o contato com a diversidade e com as pessoas. Para ela, são espaços "de propriedade pública e sobre o qual age o poder público para prover as condições de funcionamento urbano ou espaço de apropriação pública onde se realizam as ações da esfera pública" (LEITE, 2011, p.03).

Para Borja (2003), a cidade é o espaço público, um lugar de coesão social e de troca com o outro. Segundo ele, a filosofia e a sociologia urbana coincidem ao dizer que a cidade é um lugar de concentração e convivência com as diferenças de origem, de atitudes, de atividades, admitindo que essa diversidade favorece o imprevisível possibilitando a inovação. A diversidade, através do civismo, possibilita a convivência e torna possível a troca com o outro. E tanto o civismo quanto a troca com o outro (de produtos, serviços e ideias), necessitam acontecer e se expressar no espaço público.

Segundo Borja (2003), desde a dimensão sociocultural, o espaço público é um lugar de relação e identificação, de contato entre as pessoas, de dinâmica urbana e de expressão comunitária.

> *A qualidade de vida de uma cidade é, e sempre será, medida pela dimensão da vida coletiva que é expressa nos seus espaços públicos dispostos democraticamente pela cidade, seja no parque, na praça, na praia ou mesmo na rua. O espaço público de uma cidade é o lugar do lazer, do descanso, da conversa corriqueira, da livre circulação, da troca e, sobretudo, da possibilidade do encontro com o outro. (GATTI, 2013)*

De acordo com Rolnik (2000, p.03), "a ideia de cidade, a ideia de polis, a origem das cidades, surge do princípio da igualdade das diferenças", onde a cidade é fundada na possibilidade de pessoas diferentes viverem em conjunto criando um contrato político entre elas. A cidade é produzida quando o homem vive além da sua vida privada e cria um ser político que vive em conjunto com outras pessoas. Para ela, a vida na cidade se dá não apenas pela convivência de diferentes pessoas, mas também da existência de um contrato social com caráter público. A essência do público – espaço, convívio ou identidade – ao longo do tempo acabou se perdendo, diminuindo a sua dimensão coletiva e o seu uso multifuncional – lugar de ficar, de encontro, de lazer, de festa, de venda – migrando para dentro de áreas privadas.

Para essa perda de multifuncionalidade da cidade houve contribuição do urbanismo modernista, que separou as funções da cidade – lazer, moradia, trabalho e circulação – definindo para cada uma um lugar e um objetivo individual e específico, onde três dessas funções ficaram presas e localizadas em espaços privados, restando à dimensão pública apenas a função de circulação. Isso contribuiu para o desaparecimento do sentido público e político da cidade, a diminuição das possibilidades de contatos e misturas de uso que era o que caracterizava a cidade multifuncional e mais pública. A evolução desse modelo privatista trás como resultado a desigualdade social, econômica e política. (ROLNIK, 2000)

> *Como reflexo desses fenômenos combinados instalou-se na sociedade, em relação à cidade e ao espaço público, uma espécie de agorafobia coletiva. Em um primeiro momento aconteceu a fuga, o não-uso, o esvaziamento da função política simbólica identitária da cidade; posteriormente, essa agorafobia se transformou em medo, rejeição, pavor do espaço público, porque não se caracterizava mais como protetor, "conectador" e integrador. Pelo contrário, é cada vez mais percebido como um local de exercício da violência, porque foi dissolvendo-se o contrato que permitia que a diversidade não se expressasse em violência e se rompeu a dimensão pública pluriclassista e heterogênea com a criação de guetos, de espaços privativos, fechados e homogêneos. (ROLNIK, 2000, p. 04)*

Na Figura 03, tem-se um exemplo de Espaço Público onde acontecem múltiplas atividades, possibilitando o contato com a diversidade.



Figura 03 - Multiatividades no Espaço Público - Praça Arlindo Rossi, no Jardim Edite

Foto: Manuela Colombo

Para Aguiar (2012), os espaços públicos das cidades contemporâneas estão cada vez mais inóspitos, com tendência ao desurbano, à segregação em guetos residenciais, profissionais, comerciais e viários. O espaço público deveria ser um lugar de cultura urbana compartilhada, fundamentada nos valores coletivos, em uma cultura que estimula o convívio com os opostos, que tenha diversidade, troca com o outro e a fruição de uma cidade que tenha espaços com fundos ativos.

De acordo com Mennhe e Coelho (2000), os processos de urbanização brasileiros nem sempre se dão de forma planejada e adequada, tendo as cidades dificuldade de obter áreas urbanas para implantar espaços livres públicos coesos e completos, de maneira abrangente e com distribuição coerente pela cidade.

A geração e a implantação desses espaços estão vinculados à evolução urbana e às legislações das cidades. Normas e leis são criadas buscando o melhor planejamento da cidade e a ordenação de equipamentos, contemplando a distribuição de espaços públicos abertos. (CUNHA, 2003)

A lei de Zoneamento de cada cidade é a responsável pela ordenação do uso do solo, e nela estão englobados os usos recreacionais e de lazer público. As áreas livres públicas de lazer podem ser obtidas a partir das terras públicas, da desapropriação de terras particulares pelo poder público através de indenizações e da devolução de terras particulares ao uso coletivo sob a forma de espaços livres, seguindo a lei de parcelamento do solo. (CUNHA, 2003)

A lei Federal nº 6766 de 1997 do Parcelamento do Solo Urbano instituiu regras sobre o funcionamento do parcelamento do solo e deu ao Município o dever de planejar a área da cidade. A lei prevê a quantidade de terras que devem ser reservadas para sistemas de áreas verdes, áreas institucionais e viários, buscando uma melhor distribuição dos espaços livres, buscando garantir espaços para equipamentos de grande importância para os habitantes. Essas áreas devem ser registradas em Cartório, para se tornarem inalienáveis e imprescritíveis por natureza.

Para Cunha (2003), é necessário que o planejamento urbano leve em conta a importância da existência desses espaços, para que o contexto urbano não seja degradado e empobrecido, tornando-se insustentável e sem boa qualidade de vida para os moradores da cidade.

O planejamento e as leis urbanas devem se atentar em inserir os espaços abertos no contexto de mudanças e crescimento das cidades, buscando implantar os usos adequados e reformar os espaços já existentes para atender as reais necessidades das pessoas, ou criar novos espaços com estudo de projeção para o futuro. (CUNHA, 2003)

2.5. Urbanidade

Durante a segunda metade do século 20, com o reconhecimento do fracasso urbanístico do movimento moderno, alguns arquitetos e urbanistas foram percebendo problemáticas nas cidades produzidas apenas em pranchetas. Isso fez com que alguns autores começassem estudos sobre o tema para tentar descobrir o que faltava nessas cidades. Após estudos eles descobriram que uma das coisas que faltavam às cidades era a urbanidade. (AGUIAR, 2012)

Começou então uma busca por um planejamento alternativo, que não cometesse os mesmos erros do racionalismo funcionalista extremado, que não intensificasse os graves problemas ocasionados pela exclusão e pela segregação (PEREIRA, 2003).

Segundo o dicionário Houaiss (2001), urbanidade é a "qualidade ou condição de ser urbano", ou seja, é a vida de cidade. Portanto, urbanidade fala necessariamente da cidade e suas qualidades. O termo também abrange o conceito figurado aplicado às pessoas, referindo-se como "conjunto de formalidades e procedimentos que demonstram boas maneiras e respeito entre os cidadãos; afabilidade, civilidade, cortesia", ou seja, ao cumprimento das regras de boa educação e de respeito no relacionamento entre cidadãos.

Para Aguiar (2012), a definição urbanística não prescinde da definição em sentido figurado, aplicando o termo apenas ao que não é humano, ou seja, edifícios, ruas e cidades. A urbanidade seria composta do que vem da cidade, da rua, do edifício, do que é apropriado pelo corpo, individual e coletivo. É a qualidade da forma, algo essencialmente material, mesmo que reflita no comportamento e bem estar das pessoas no espaço público.

De acordo com Gehl (2013), a dimensão humana – a cidade vista ao nível dos olhos e usos das pessoas – tem sido um fator do planejamento urbano esquecido e tratado a esmo durante décadas, e ideologias como o modernismo que "deram baixa prioridade ao espaço público, às áreas de pedestres e ao papel do espaço urbano como local de encontro dos moradores da cidade" (GEHL, 2013, p. 03).

> *Falar de urbanidade ao nos referirmos à cidade significa estarmos falando de uma cidade ou de um lugar que acolhe, ou recebe, as pessoas com civilidade, com polidez, com cortesia. Ou, na mão contrária, estaríamos nos referindo a situações destituídas dessas características positivas, situações que ao invés de evidenciarem cortesia e polidez, evidenciam hostilidade às pessoas, ao corpo. (AGUIAR, 2012, p. 02)*

Segundo Aguiar (2012), o conceito de urbanidade alude ao modo como os espaços da cidade acolhem as pessoas. Espaços que apresentam urbanidade são espaços hospitaleiros. Para ele, a urbanidade abrange a qualidade dos lugares, repropondo os valores essenciais da arquitetura como arte social.

Para Gehl (2013), as pessoas que utilizam do espaço da cidade são cada vez mais maltratadas graças ao espaço limitado, aos obstáculos, ruídos, poluição e risco de acidentes. O pedestrianismo – simples ato de andar a pé – vem sendo prejudicado, e a tradicional função do espaço da cidade como um lugar de troca com o outro, foi reduzida e progressivamente descartada.

Para Figueiredo (2010) a urbanidade acontece quando o ambiente construído e suas estruturas permitem ou potencializam encontros e co-presença de pessoas de diferentes classes ou estilos de vida em espaços legitimamente públicos, no qual, ao realizar suas atividades rotineiras, tendem a usar ou passar pelos mesmos lugares. Os espaços públicos de baixa qualidade possuem uma tendência contrária ao da urbanidade, negligenciando ou colocando em último plano as pessoas e suas relações.

Gehl (2013) defende que é necessário reforçar a função social do espaço da cidade como local de encontro, buscando uma sustentabilidade social – dar oportunidades iguais de acesso ao espaço público - com uma sociedade mais democrática e aberta.

> *O ato de relacionar-se e coexistir é a condição universal e fundamento do ser social. Intensificar essas relações com um grau elevado de diversidade (e é isso que define o grau de urbanidade) é algo que a ocorrência das cidades favoreceu e tornou exponencial, por isso podemos nos referir à cidade como espaço produtivo, como ator social. A coexistência permite à cidade ser o lugar do encontro da diferença, o que dá uma chance para que se supere, ao menos em parte, as segregações sociais e econômicas, culturais e étnicas. A possibilidade dessa convivência significa uma aprendizagem progressiva de posturas orientadas pelo entendimento, pelo acordo, pela tolerância. A urbanidade, logo, contém uma dimensão ética, forjada pela necessidade de coexistência pacífica e cotidiana com a diferença. (OLIVA, 2003, p. 74)*

Segundo Pereira (2003), a diversidade é um dos principais elementos para se ter a urbanidade, e através dela se tem a comodidade, a atratividade, a vitalidade, o conforto e bem-estar dos habitantes. A urbanidade não significa necessariamente a conquista de uma interação plena, mas a aceitação da co-presença e convívio com o outro. Um projeto com urbanidade deve levar em conta que a cidade é formada por pessoas, e colocar elas e suas relações como fator primordial.

Nas Figuras 04 e 05, se tem exemplos de lugares que apresentam urbanidade, sendo ponto de encontro com a diversidade.

Figura 04 - Goslar, Alemanha



Foto: Renato Saboya

Figura 05 - Viena, Áustria



Foto: Renato Saboya



A área de estudo

Fonte: Autora

3.

Referências Projetuais

Este capítulo traz três exemplos de projetos e intervenções urbanas bem sucedidas que trabalham com a integração, urbanidade, qualidade dos espaços públicos, qualificação e requalificação de espaços que não tinham bom funcionamento ou que não possuiam uso, levando em conta sempre os usuários, a escala humana, obtendo resultados excepcionais que serviram como inspiração para o projeto.

3.1. Superkilen - Copenhagem, Dinamarca

O parque Superkilen, inaugurado no final de 2012 na cidade de Copenhagem, surgiu através da parceria entre um grupo de artistas do país, o Superflex, arquitetos do Bjarke Ingels Group (BIG) e a empresa de paisagismo Topotek 1. O projeto tem uma extensão de mais de um quilometro, e foi implantado no bairro de Nørrebro, considerado um dos mais pobres da capital e de grande diversidade étnica – mais de 60 nacionalidades diferentes. (NOVO AMBIENTE, 2014)

A escolha desse projeto como referência se deu pelo enfoque do projeto que é a busca por urbanidade, trabalhada através do encontro da diversidade em um mesmo espaço público – um espaço livre que não estava sendo utilizado - criando um lugar de convivência e interação. Esses também são uns dos objetivos deste trabalho que será mostrado mais adiante.

Os autores buscaram representar a diversidade através das cores e objetos utilizados, criando um espaço para o uso de pessoas de diversas nacionalidades, origens, status e realidade, buscando dar identidade a essa área.

Houve uma preocupação com as pessoas, buscando a identificação delas com o espaço, de maneira com que elas o aproprie e sintam-se como parte integrante dele. Para isso, foram escolhidos elementos que fossem representações dos diferentes países que simbolizam uma parte de suas identidades culturais e foram inseridos pelas praças e parquinhos representando diferentes culturas do mundo, como pode ser visto na Figura 06, com o playground em forma de polvo japonês, o ringue de boxe da Tailândia, a fonte representando Marrocos, escorregador infantil em forma de elefante da Índia, placa de ônibos em Árabe, entre outros.

Neste trabalho de curso o enfoque também são as pessoas, buscando a criação de um espaço ao qual elas se identifiquem e desejem fazer parte.

Figura 06 - Elementos que representam diferentes países



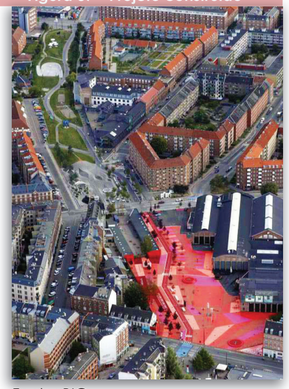
Fonte: BIG

O projeto criou um ambiente para a realização de atividades diversas, buscando atrair essa população tão desigual para criar uma integração da comunidade como um todo, juntando pessoas de diferentes etnias culturas e realidades sociais em um mesmo ambiente de uma forma sutil, fazendo com que ocorra o reconhecimento e o contato com a diversidade da comunidade. Na figura 07 pode ser visto como ficou o projeto depois de construído.

O parque é dividido em três partes diferentes: a "Praça Vermelha", colorida em tons de rosa e vermelho, criando um ambiente energético, onde estão localizados os brinquedos do playground infantil, bancos, ciclovia, ringue de boxe; o **"Mercado Negro"**, espaço de convivência, com bancos, mesas de jogos, churrasqueiras para a interação da população, playground em forma de polvo; e o "Parque Verde", com um grande gramado para atividades ao ar-livre e de permanência, onde a população pode se sentar no gramado e realizar piqueniques. (NOVO AMBIENTE, 2014)

Essas três praças podem ser vistas nas figuras 08, 09 e 10:

Figura 07 - Projeto construído



Fonte: BIG

Figura 08: Praça Vermelha



Fonte: BIG

Figura 09: Mercado Negro



Fonte: BIG

Figura 10: Parque Verde



Fonte: BIG

Figura 11 - Observações do projeto



Criação de mobilíarios com design diferenciado.





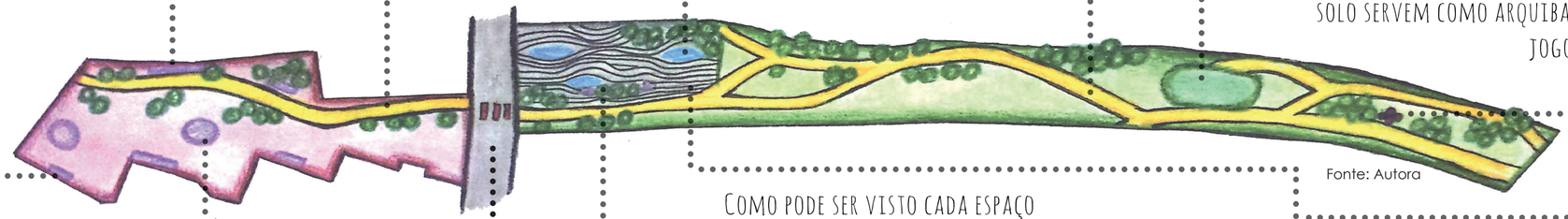
As árvores foram mantidas e projetados ao redor delas bancos aproveitando a sombra das mesmas.



Caminhos orgânicos para uso de Pedestres e Ciclistas.



O Parque é cortado por uma avenida movimentada que desempenha papel de barreira/ obstáculo, porém através de sinalização adequada consegue a transpor.



Fonte: Autora



Elementos com água, para uso e entretenimento dos usuários.

Como pode ser visto cada espaço predomina uma cor, a Praça Vermelha com tons mais quentes (vermelho, laranja, rosa), o **Mercado Negro** com tons mais frios (Preto, cinza e branco) e o Parque Verde, que predomina a cor verde. As cores são responsáveis por dar vivacidade e das diferentes sensações às áreas.



Quiosques ao longo do parque para usos diversos.



Utilização do relevo a favor do projeto, como o Campo de Futebol acima, onde os recortes no solo servem como arquibancada para assistir aos jogos.



Uso das inclinações do solo para prática de ciclismo, skate e patins.

Fonte Fotos: BIG

3.2. The Goods Line - Sydney, Austrália

O projeto The Goods Line implantado na cidade de Sydney na Austrália, foi realizado pelos escritórios de arquitetura ASPECT Studios e CHROFI, possuindo 500 metros de extensão e criando um novo centro urbano que valoriza a área de uma antiga linha férrea, fechada em 1854, transformando-a em um espaço público aberto, como pode ser visto na Figura 12. O projeto foi inspirado na High Line de Nova Iorque, e é implantado sobre plataformas elevadas destinadas para pedestres e ciclistas, facilitando o deslocamento dos mesmos no sentido leste-oeste da cidade. As obras começaram a ser realizadas em 2014 e a primeira parte do projeto foi concluída em 2015. (GAETE, 2014)

O foco do projeto foi fazer a reintegração do corredor de trens com a cidade, já que era um elemento que se encontrava alheio a ela, buscando dar um novo uso e significado para a linha férrea, que se encontrava em estado de abandono e servia como barreira para a cidade.

A escolha desse projeto como referência se deu pelo seu enfoque e situação da área que é semelhante à encontrada neste trabalho de curso, uma linha férrea que encontra-se sem uso e serve como elemento divisor da cidade.

A linha férrea, como a da cidade estudada neste trabalho, representa o passado histórico da cidade, e há uma preocupação em mantê-la visível e integrá-la com o novo. Os projetistas mantiveram partes dela, como pode ser visto na Figura 13, de maneira que os visitantes não esqueçam que ela já esteve ali.

Figura 12 - Como era a área antigamente e como ela se encontra após a implantação do projeto



Fonte: ASPECT Studios

Figura 13 - Linha férrea mantida



Fonte: ASPECT Studios

O projeto pretendeu utilizar um espaço ocioso, sem uso, abandonado – como o vazio urbano que será estudado mais adiante - e transformá-lo em um centro de multiatividades ao ar livre (figura 14), que variam de espaços para leitura (figura 15), eventos culturais e de entretenimento (figura 16), exercícios físicos, práticas esportivas, cinema ao ar livre, entre outros, que poderá ser desfrutado pelos habitantes da cidade e pelos turistas. Há também usos noturnos (figura 17), mantendo a área ativa o dia todo, através dos bares e restaurantes.

Figura 14 - Centro de Multiatividades



Figura 15 - Eventos Culturais



Figura 16 - Espaço de Leitura



Figura 17 - Usos Noturnos



Fonte: ASPECT Studios

Através de um elemento histórico que não possuía mais função, a linha férrea, o projeto cria um espaço que atende as necessidades atuais, criando um espaço que propicia diversas oportunidades de encontro, lazer e de trocas de ideias, que é um dos maiores objetivos deste trabalho de curso.

Na Figura 18 se tem o projeto depois de pronto.

Figura 18 - O projeto implantado



Fonte: ASPECT Studios

Figura 19 - Observações do projeto





O Parque conta como uma área molhada por onde percorre um caminho de água para entretenimento das crianças.



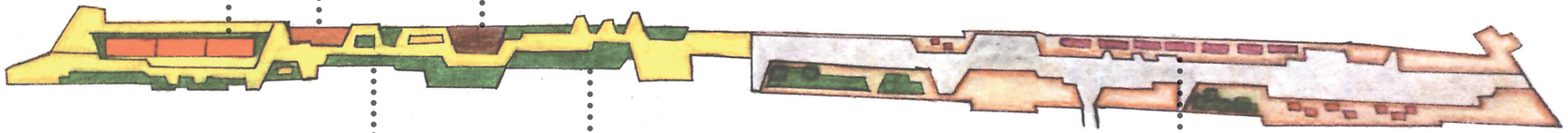






A escadaria possui espelho em suas laterais, o que proporciona um efeito visual de prolongamento do parque. Ela é também utilizada no período noturno como cinema a céu aberto.







Fonte: Autora

Cobertura metálica da área do restaurante/café.



A linha férrea foi mantida, sendo apenas coberta por placas individuais de concreto. Algumas partes da linha permanecem à mostra para representar o passado histórico da área.



Foram Criados pequenos mirantes para observação do parque do alto.





Ao longo do parque foram implantados mobiliários com design diferenciado e com diversas funções (academia, bancos, mesas, mesas de ping pong, entre outros). Também foram deixadas áreas gramadas livres para descanso, contemplação e piqueniques.

Fonte fotos: ASPECT Studios

3.3. Cumberland Park - Nashville, United States

O projeto do Cumberland Park, Figura 20, foi realizado pelo escritório Hargreaves Associates, almejando criar um ambiente para divertimento das famílias. O parque é parte do Plano de Revilitação do Riverfront, incluindo o desenvolvimento do The Lawn, um espaço aberto para recreação e eventos, e do Bridge Building Landing. (ARCHDAILY, 2012)

O entretenimento é proporcionado através de elementos como água, luz, pedra, grama, árvores, cumes e vales, incentivando o uso da imaginação das crianças, deixando de lado os playgrounds convencionais.

O parque torna o lugar agradável para as famílias passarem o dia, se divertirem e aprenderem sobre a história do Riverfront.

Figura 20 - Vista aérea do Parque



Fonte: Redevelopmentreuse

O parque é divido em áreas, onde se destacam:

The Hollow - uma área com contato com a natureza, para crianças de todas idades e habilidades, composta por ondulações no relevo, área com areia onde encontram-se fósseis enterrados, rede para escalada, superfície elástica para pular, labirinto verde constituído por plantas, uma superfície que joga jatos de água entre outros. (Figura 21)

The Terrace - lugares e mobiliários embaixo das árvores e perto das áreas de diversão e banheiros para facilitar a supervião dos pais. (Figura 21)

Figura 21 - The Hollow e The Terrace



Fonte: ArchDaily

The Gorge - uma parede de pedra para escalada, com pedras e cordas. (Figura 22)

Figura 22 - The Gorge



Fonte: ArchDaily

The Canopy e Lawn - Uma área gramada - com capacidade de até 1.200 pessoas - com palco coberto onde ocorrem eventos, cinema ao ar livre e performances. (Figura 23)

Figura 23 - The Canopy e Lawn



Fonte: Parthenonpub

The Scoops - uma área com extenso gramado e árvores, com caminhos feitos de pedra e sensores que soltam névoa artificial sendo ativados com movimentos e passos. (Figura 24)

Figura 24 - The Scoops



Fonte: Hawkinspartners

Esse projeto foi escolhido como referência devido a sua variedade de atrativos focados no lazer e no divertimento, fugindo do tradicional, utilizando elementos da natureza, como água e terra, proporcionando diferentes sensações, que estimulam os usuários de diversas maneiras.

Outra característica marcante é a intervenção e aproveitamento do relevo, deixando algumas áreas mais altas e outras mais baixas, seguindo traçados orgânicos, criando um ambiente dinâmico e funcional.

O que mais chama a atenção é a urbanidade do lugar, como pode ser visto nas Figuras 25 e 26. O parque é frequentado por grande número de pessoas de diferentes idades e etnias, que acabam praticando atividades juntas, propiciando o encontro com o outro.

Figura 25 - Urbanidade



Fonte: Arhinovosti

Figura 26 - Urbanidade



Fonte: Landarchs

Figura 27 - Observações do projeto



Chão ondulado, serve para o divertimento dos usuários, contando também com camas elásticas.





Fonte: Hawkinspartners

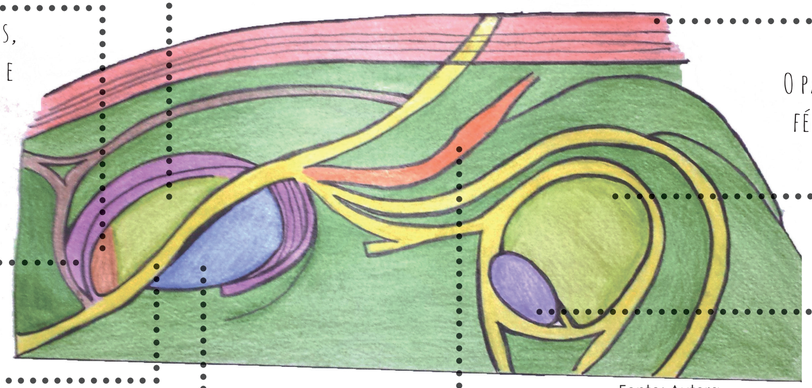




Área de areia com alguns fósseis enterrados, para divertimento das crianças, estímulo e contato com elementos naturais.

Terraço, espaço para os adultos se sentarem para observar as crianças.

Passarela Elevada, oferece um meio de atravessar o parque de maneira mais rápida e também funciona como mirante, onde se pode observar todo o parque e suas atividades. É dela que sai a cortina de água, um dos elementos de entretenimento da parque.



Fonte: Autora

O parque se encontra as margens da linha férrea, o que não serviu como obstáculo para o desempenho do projeto.

Extensa área gramada com palco coberto onde ocorrem eventos, performances e cinema ao ar livre.

Fonte: Matt Brumit



Fonte: Hawkinspartners



Área molhada que conta com jatos e cortina de água para os usuários se molharem e se divertirem.

Área com parede de escalada, rede de cordas e escorregador paras as crianças.





Fonte demais fotos: ArchDaily

A área de estudo

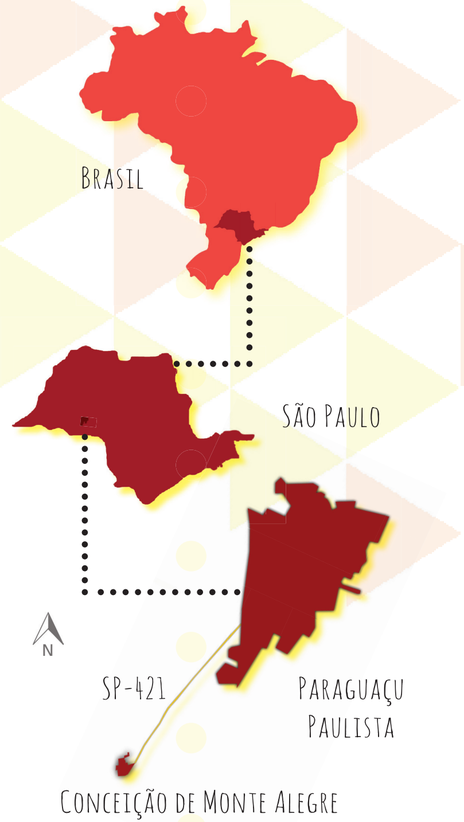
Fonte: Autora

4.

Paraguaçu Paulista

Este capítulo retrata brevemente o histórico de Paraguaçu Paulista desde seu surgimento até a realidade atual, sendo dividido em dois subitens, abordando no primeiro o título de Estância Turística e no segundo levantamentos gerais da cidade, para melhor compreensão da mesma e da área escolhida para a implantação do projeto.

Figura 28 - Mapa de Localização de Paraguaçu no Estado de SP



Fonte: IBGE 2016, com alterações da autora

A Estância Turística de Paraguaçu Paulista, está localizada na porção centro-oeste do estado de São Paulo, Figura 28, e é um dos 29 municípios paulistas considerados estâncias turísticas pelo Estado. É conhecida como a "Princesinha da Alta Sorocabana" e se tornou um potencial pólo de desenvolvimento do setor de entretenimento cultural, natural, rural e de lazer, estando entre as 10 melhores cidades para se viver da região Sudeste segundo o Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal (IFDM) de 2015. (ROSA, 2016)

A cidade tem suas origens históricas em Conceição de Monte Alegre, fundada por José Teodoro de Souza, que fez em 1873 a doação de uma área de 193 hectares para a fundação de um novo patrimônio, iniciando então a chegada dos primeiros povoadores. A região era habitada por três grupos indígenas: caiouás, xavantes e caingangues. Esses últimos tiveram resistência à invasão do território pelos novos colonizadores. Os primeiros povoadores da região foram José Teodoro Filho, Manoel Pereira Alvim, José Antônio de Paiva, que se alojaram nas margens do Ribeirão Alegre e do Rio São Matheus, e seguidos depois pelas famílias Moreira, Carvalho, Vieira entre outras. (PREFEITURA MUNICIPAL DA ESTÂNCIA TURÍSTICA DE PARAGUAÇU PAULISTA, 2015)

Conceição de Monte Alegre foi elevada à categoria de distrito, em 1891, e seu território se prolongava entre o rio Paranapanema e o rio do Peixe, e ia até a ribanceira do rio Paraná. (PREFEITURA MUNICIPAL DA ESTÂNCIA TURÍSTICA DE PARAGUAÇU PAULISTA, 2015)

Em 1912, a então Estrada de Ferro Sorocabana fez a locação dos trilhos na Alta Sorocabana. Domingos Paulino Vieira foi o primeiro a realizar o loteamento de suas terras ao redor da Estação de Monte Alegre, que ficou conhecida como Moita Bonita, que se localizava a seis quilômetros de Conceição do Monte Alegre.

Em 1916, começa-se o tráfego ferroviário, o que proporcionou o desenvolvimento econômico da área, atraindo novos povoadores e novas famílias, começou a desenvolver o novo povoado com as suas primeiras habitações.

Em 23 de março de 1916, a Estação recebeu o nome de "Paraguaçu", denominação que a cidade adotou posteriormente.

Em 30 de dezembro de 1924, torna-se unidade político-administrativa independente, elevada à categoria de Município, instalado em 12 de março de 1925. Em 1948, teve a sua organização político-administrativa definida com a criação do distrito-sede de Paraguaçu Paulista. (PREFEITURA MUNICIPAL DA ESTÂNCIA TURÍSTICA DE PARAGUAÇU PAULISTA, 2015)

Atualmente, a cidade é composta pelos Distritos de Conceição de Monte Alegre, Sapezal e Roseta. Possui hoje uma população de 44.794 habitantes, área territorial de aproximadamente 1.000 km² e densidade demográfica de 42,22 hab/km² (IBGE, 2015).

Na Figura 29 se tem o mapa de Paraguaçu com evidência no traçado da ferrovia, a Antiga Estação, Centro e Rodovias que circundam a cidade.

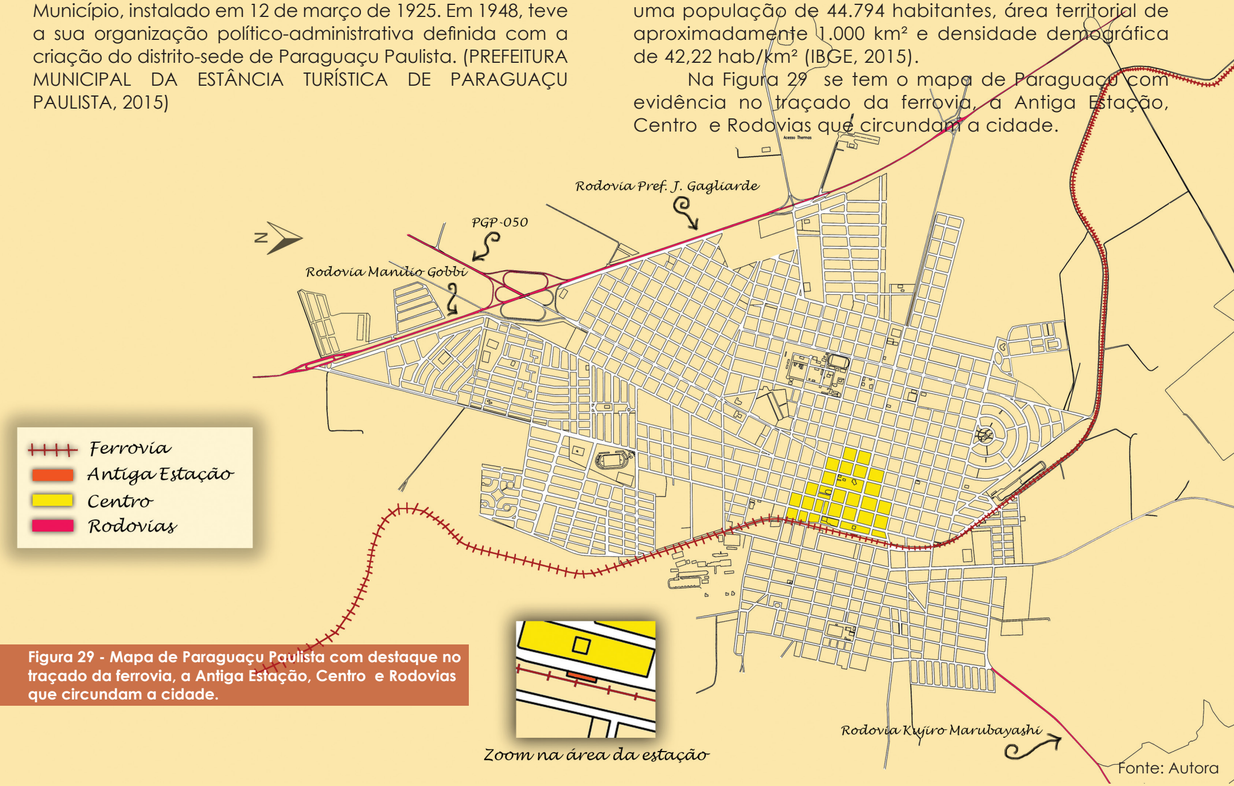


Figura 29 - Mapa de Paraguaçu Paulista com destaque no traçado da ferrovia, a Antiga Estação, Centro e Rodovias que circundam a cidade.

Fonte: Autora

4.1. Estância Turística

A capital do estado de São Paulo – cidade de São Paulo - é considerada uma das cidades que atrai mais turistas no Brasil, e o seu turismo gera muitos recursos financeiros e empregos diretos e indiretos. No Estado de São Paulo há uma grande movimentação, saindo grande maioria da metrópole em direção ao interior do estado, onde as pessoas que moram na metrópole buscam descanso e lazer. (FINO, 2009)

Graças a isso e as características da população que mora na metrópole, o Governo do Estado vislumbrou um grande potencial para o turismo nas cidades do interior do estado, decidindo criar constitucionalmente, em 1967, o termo "Estância" (FINO, 2009).

As Estâncias Paulistas foram criadas buscando alcançar essa demanda, e para isso os municípios que recebiam o título receberiam incentivos financeiros para investir em melhorias para tornar a cidade mais atrativa (FINO e QUEIROZ, 2012).

Segundo Fino (2009, p. 02), as Estâncias são localidades beneficiadas por recursos naturais, paisagísticos, medicinais, históricos, artísticos, dentre outros, e que podem gerar um fluxo de turistas. Estes, caracterizados pela longa permanência na localidade. É requisito a existência de atrativos de natureza histórica, artística ou religiosa, ou recursos naturais e paisagísticos. São lugares com atrativos que justifiquem e promovam o deslocamento.

As Estâncias podem obter uma das seguintes categorias: balneárias, climáticas, hidrominerais ou turísticas. O Estado de São Paulo é constituído de 645 municípios, entre os quais 70 são Estâncias, ou seja, mais de 10% dos municípios do Estado são Estâncias, o que justifica a dificuldade de se obter esse título. Dos 70 municípios que possuem o título, 29 são Estâncias Turísticas (FINO, 2009).

Em 1997, através da Lei Estadual 9.646, sancionada pelo Governador Mário Covas em 5 de março de 1997, Paraguaçu Paulista ganhou o título de Estância Turística. Esse título é concedido pelo Governo do Estado de São Paulo aos municípios que apresentam aspectos turísticos e que atendam a alguns critérios: condições de lazer, recreação, recursos naturais e culturais específicos, além de infraestrutura e serviços relacionados à atividade turística. Para esse título ser mantido, "cada cidade precisa apresentar um planejamento adequado para fomentar tradição, cultura, preservação de patrimônios históricos, artesanato típico, paisagem atrativa e centros de lazer e gastronomia" (QUIRINO, 2012, p. 01).

Atualmente, Paraguaçu corre o risco de perder esse título, devido à má gestão, à precária manutenção dos atrativos já existentes e à falta de criação de novos projetos. Segundo o jornal A Semana (2015), em artigo publicado sobre a cidade em 17 de agosto de 2015, "a cidade dispõe de poucas atrações e praticamente nenhuma estrutura para receber turistas e visitantes".

Paraguaçu Paulista possui atualmente como atrativos: o Grande Lago - Balneário Municipal (1); o Jardim das Cerejeiras (2); a Fonte Luminosa (3); Resort Água das Araras – antiga Thermas (4); a Igreja Matriz (5); o passeio com a Maria Fumaça (6); o Cine Teatro Lucila Nascimento (7). Esses atrativos podem ser observados na Figura 30.

Na Figura 31, é possível compreender a implantação desses locais de atração turística na malha urbana de Paraguaçu Paulista.

Figura 30 - Atrativos Turísticos de Paraguaçu Paulista

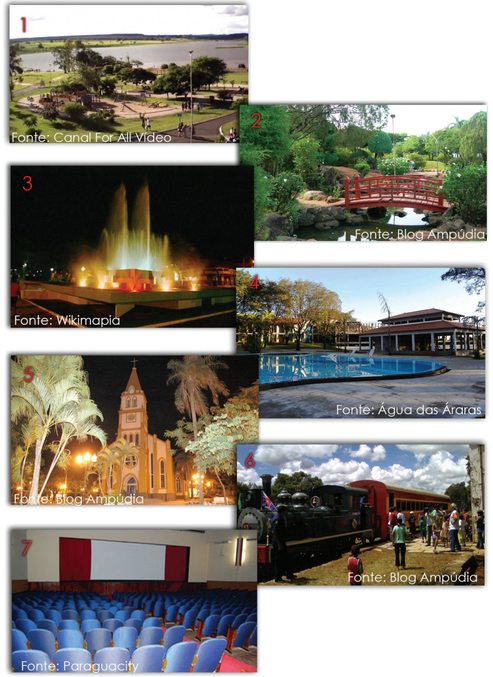


Figura 31 - Mapa com localização dos pontos turístico de Paraguaçu Paulista



Fonte: Autora

A estrada de ferro é hoje apenas utilizada para esses passeios turísticos no período da manhã aos fins de semana, atraindo grande público de toda região, através da Maria Fumaça Dona Lina, que faz um passeio de 24,2 km ida e volta em 3 horas, saindo da antiga estação com destino ao distrito de Sapezal, onde se pode visitar o Memorial "Irmãs Galvão", primeira dupla caipira feminina do Brasil, e depois retornar pelo mesmo trajeto voltando para Paraguaçu Paulista. Durante o trajeto os participantes recebem informações sobre a importância da ferrovia na história regional e sobre o Distrito de Sapezal. A antiga Estação funciona hoje como sede do Conselho Tutelar e da Guarda Municipal. (PREFEITURA MUNICIPAL DA ESTÂNCIA TURÍSTICA DE PARAGUAÇU PAULISTA) Na Figura 32 o percurso realizado pelo passeio.



Figura 32 - Mapa com o trajeto do passeio turístico

Fonte : Google Earth com alterações feitas pela autora

4.2. Levantamentos

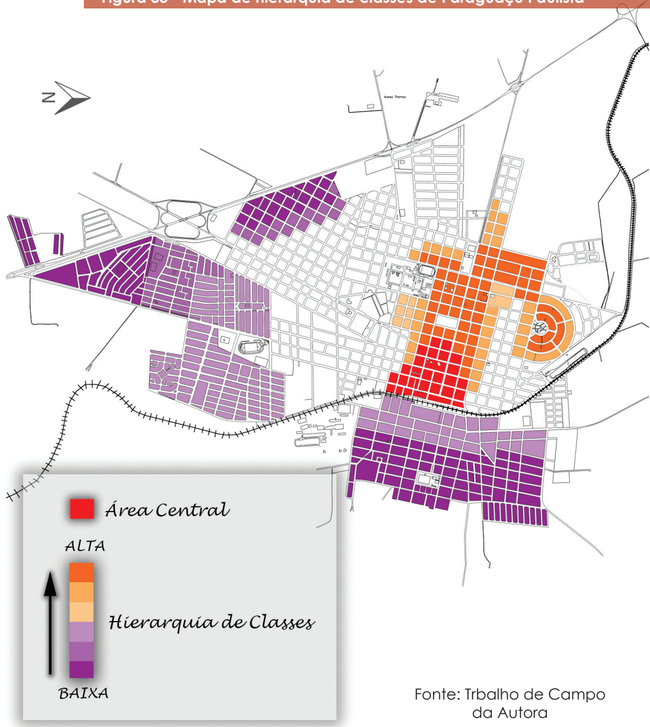
Em Paraguaçu Paulista a ferrovia foi responsável por induzir o desenho urbano, tendo papel estruturante sobre ele. Porém, acabou se tornando uma barreira para a expansão urbana, dividindo o espaço em duas partes, lado oeste (lado onde está localizado o centro) e lado leste (lado oposto ao centro) da linha ferroviária, sendo um lado mais valorizado que o outro.

A oeste da linha do trem há maior o interesse dos capitais imobiliários e das elites, tendo maior interesse no setor de comércio e serviços. Ocorre uma distribuição desigual dos investimentos em infraestrutura, ocorrendo valorização das áreas a oeste. Um espaço melhor equipado atrai as pessoas de maior renda, status e poder. A leste da linha, nas áreas menos favorecidas, encontram-se aqueles que não podem pagar o valor das áreas bem servidas, a classe mais baixa.

Também pode ser observado a concentração de camadas de menor renda nas áreas mais afastadas em relação ao Centro e ao restante da cidade, próximas a Rodovia, que também se econtram menos servidas de equipamentos e infraestrutura.

Através de trabalho de campo da autora, Figura 34, analisando as tipologias de residências, qualidade de infraestrutura urbana e de pesquisa dos históricos de criação dos bairros da cidade, foi concebido o mapa da Figura 33, onde se pode ter uma análise geral da concentração de classes e suas localizações.

Figura 33 - Mapa de hierarquia de classes de Paraguaçu Paulista



Fonte: Trbalho de Campo da Autora

Figura 34 - Tipologia de residências

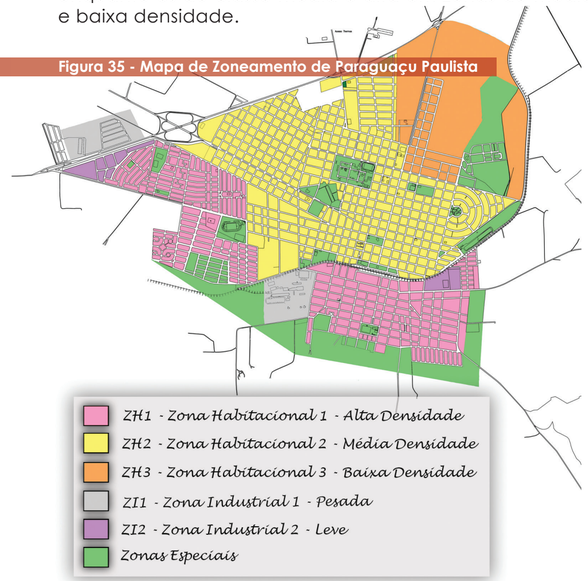


Fonte: Trabalho de campo da autora.

Segundo o zoneamento do Plano Diretor de Paraguaçu Paulista, como mostra a Figura 35, a cidade se divide em seis zonas: ZH1 (zona habitacional de alta densidade); ZH2 (zona habitacional de média densidade); ZH3 (zona habitacional de baixa densidade); ZI1 (zona industrial pesada); ZI2 (zona industrial leve); Zonas Especiais.

Observam-se que os bairros de classe mais baixa encontra-se na zona de alta densidade habitacional, enquanto os de classe média e alta em zonas de média e baixa densidade.

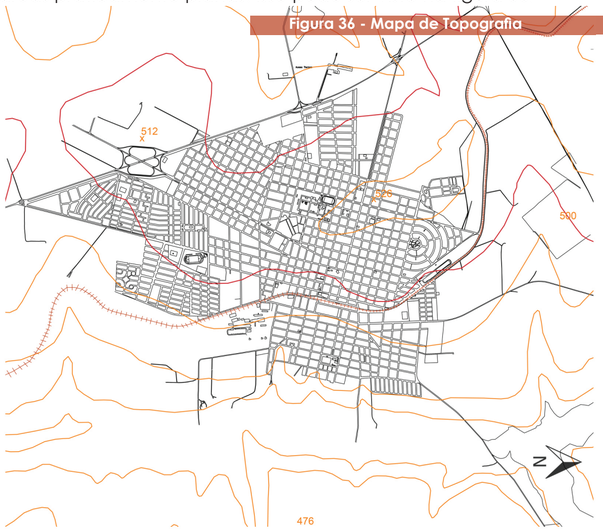
Figura 35 - Mapa de Zoneamento de Paraguaçu Paulista



De acordo com Villaça (1998) essa é outra característica da classe de maior renda, que localiza-se nos terrenos mais caros, e mesmo em regiões de metro quadrado barato ela ocupa terrenos de áreas grandes, consumindo pouca terra per capita ou por família, constrastando com a classe baixa que usufrui de pequenos terrenos com grande densidade de pessoas.

Quanto a topografia, Paraguaçu Paulista é uma cidade com topografia pouco acidentada, com algumas áreas praticamente planas. Isso pode ser visto na figura 36.

Figura 36 - Mapa de Topografia



Fonte: Câmara Municial, editado pela autora

De acordo com o Plano Diretor da cidade, esta possui 13 vias principais – 7 avenidas e 6 ruas – que interligam toda a cidade e são responsáveis pela conexão das rodovias ao centro da cidade. Na figura 37 mostra-se quais são essas vias e suas localizações.

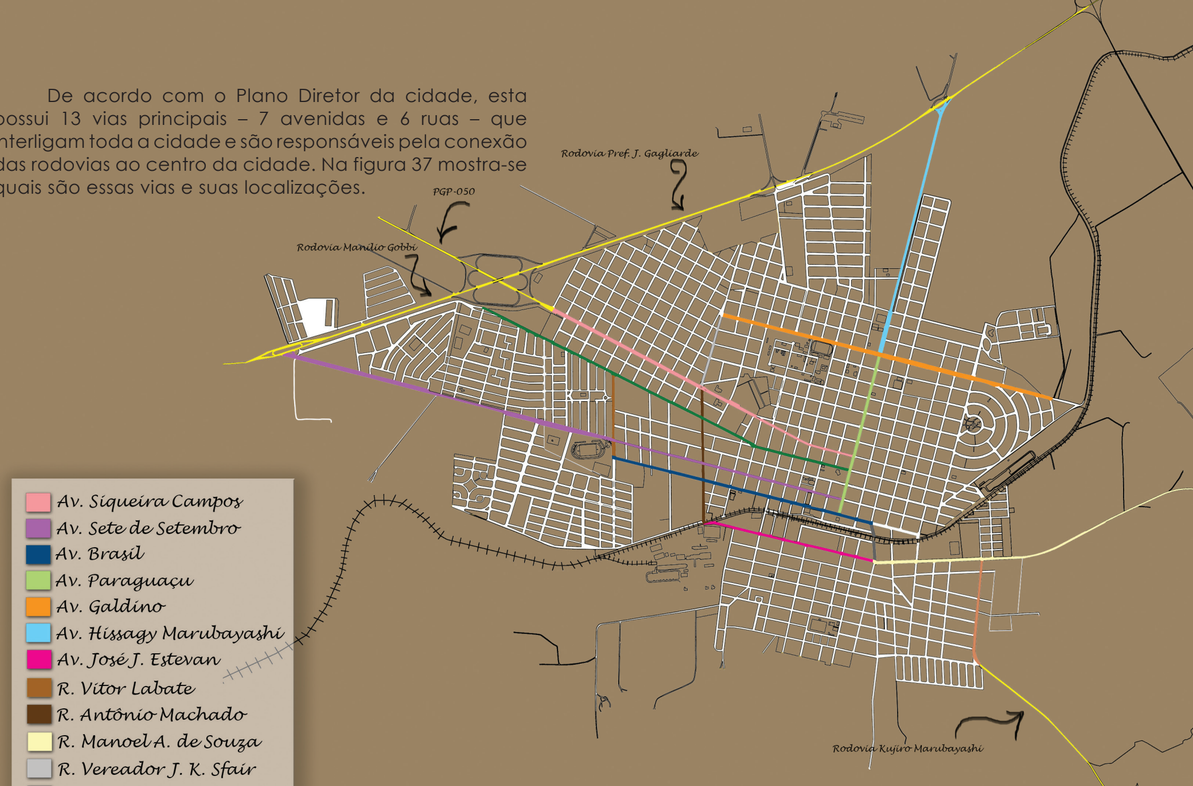
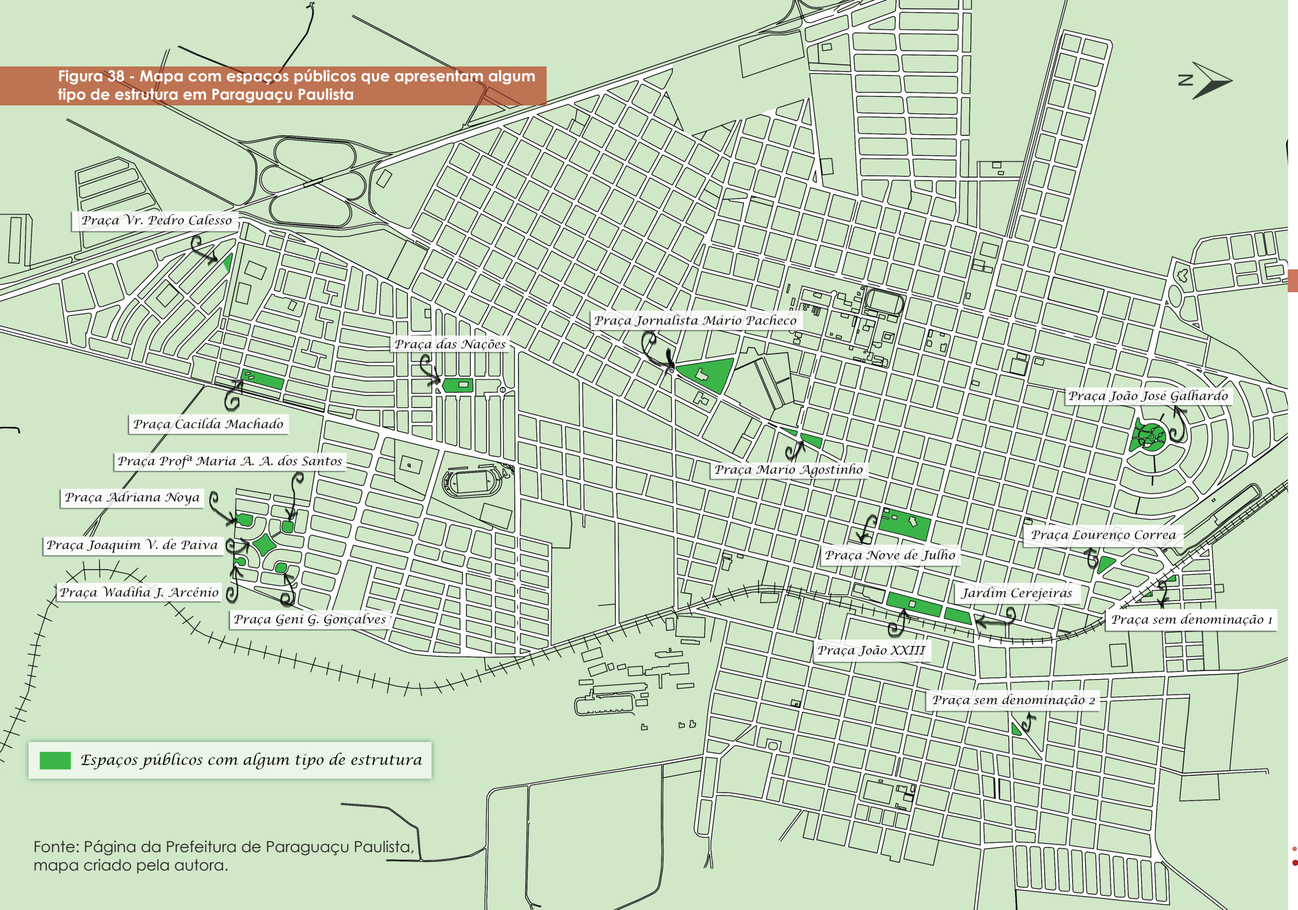


Figura 37 - Mapa das vias de Paraguaçu Paulista

Fonte: Plano Diretor de Paraguaçu Paulista, com modificações da autora

Figura 38 - Mapa com espaços públicos que apresentam algum tipo de estrutura em Paraguaçu Paulista



Fonte: Página da Prefeitura de Paraguaçu Paulista, mapa criado pela autora.

Em relação aos Espaço Públicos, boa parte destes espaços da cidade destinados por sua Lei de Zoneamento ao uso público e de lazer, não contam com alguma estrutura, sendo apenas terrenos vazios. A outra parte conta com uma estrutura bem simples e quase inexistente, sendo raro a presença de um equipamento diferenciado. Os únicos espaços públicos da cidade que possuem alguma estrutura para permanência, lazer e troca com o outro, são as praças. Na Figura 38 pode-se ver onde estão localizados estes lugares que possuem o mínimo de estrutura para tal uso. Pode-se dizer o mínimo, já que a maioria apresenta apenas arborização e bancos implantados aleatoriamente, como mostrado na Figura 39, como é o caso das praças Vr. Pedro Calesso, Cacilda Machado, Profª Maria A. A. dos Santos, Joaquim V. de Paiva, Wadiha J. Arcênio, Geni G. Gonçalves, Mario Agostinho, Lourenço Correa, Jornalista Pacheco e Sem denominação 1.

Figura 39 - Praças com o mínimo de estrutura



Praça Joaquim V. de Paiva



Praça Lourenço Correa



Praça Cacilda Machado



Praça Vr. Pedro Calesso



Praça Sem denominação 1



Praça Mário Agostinho

Fonte: Autora

O restante que possui alguma estrutura diferenciada, Figura 40, apresenta no máximo um elemento a mais, sendo carente do restante. Esses elementos são quadra poliesportiva, playground infantil, coreto, mesas para jogar baralho, paisagismo planejado e fonte, faltando vários outros. O problema é que são poucos itens para abrangir uma cidade inteira, onde tem-se, por exemplo, apenas 2 quadras poliesportivas e 2 playgrounds infantis públicos para a cidade toda. Pode-se dizer que a cidade é carente de espaços públicos, e os que possui, não possui todos os aspectos necessários para serem considerados de qualidade.

Como consequêcia a cidade não disponibiliza opções de atividades ao ar livre e de lazer, não convidando as pessoas a participarem da vida pública e interagirem uma com as outras, o que causa a ausência de urbanidade, diminuição da qualidade de vida e ausência de incentivo à vida coletiva.

Figura 40 - Demais Praças com algum tipo de estrutura



Praça das Nações



Praça João J. Galhardo



Praça Nove de Julho



Praça Adriana Noya



Praça Sem denominação 2



Jardim das Cerejeiras

Fonte: Autora

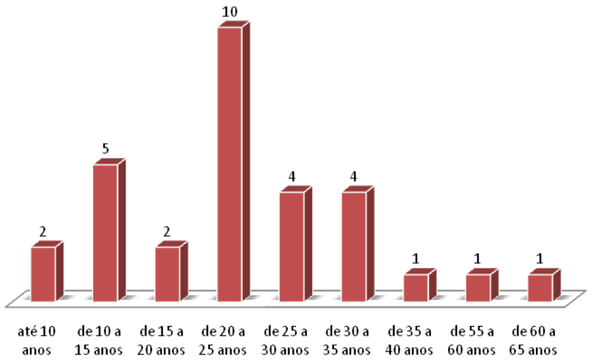
Segundo Gehl (2013), há pelo menos 12 princípios que permitem classificar a qualidade do espaço público:

- Proteção contra o tráfego Motorizado - segurança para os pedestres
- Segurança nos espaços públicos - circulação constante de pessoas, usos durante todo o dia e boa iluminação
- Proteção contra experiências sensoriais desagradáveis - abrigo para vento, sol, chuva, e áreas verdes que amenizem altas temperaturas e poluição
- Espaços para caminhar - ausência de obstáculos, acessibilidade a todos, superfícies regulares
- Espaços de permanência - lugares agradáveis, fachadas e paisagens interessantes
- Ter onde sentar - mobiliário, locais para descansar
- Possibilidade de Observar - vistas e paisagens
- Oportunidade de Conversar - mobiliário que incenitve a interação
- Lugares para se exercitar
- Escala Humana
- Possibilidade de aproveitar o clima - atividades para todas estações
- Boa experiência sensorial

A partir desses elementos se pode ter uma ideia da qualidade dos espaços públicos, suas carências e necessidades. Assim, pode-se dizer que os espaços públicos de Paraguaçu Paulista possuem baixa qualidade, devido a ausência de acessibilidade, aos poucos atrativos visuais e manifestações artísticas, ao reduzido proporcionamento de prática de atividades, a falta de preocupação com o conforto - com uso de mobiliários de cimento, sem encosto e sem manutenção - de seus usuários, a inexistência de estruturas para tráfego não motorizado, a insegurança em alguns lugares devido a falta de movimentação e iluminação, a falta de proteção contra sol, chuva e vento e a ausência de paisagens agradáveis. Os usuários acabam não frequentando esses espaços ou permanecendo por pouco tempo, já que não há bem-estar e atividades para exercer neles.

Como o trabalho foi realizado pensando nas pessoas e suas necessidades, foram feitas algumas perguntas (que podem ser vistas a seguir) para 30 pessoas, na tentativa de analisar a cidade através do ponto de vista dos usuários, buscando entender suas necessidades e desejos.

1. A quanto tempo mora/morou em Paraguaçu Paulista?



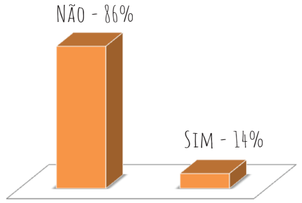
2. O que mais gosta de fazer na cidade?

- Sair em bares e restaurantes ---------- 54%
- Sair com os amigos ---------- 25%
- Caminhar ---------- 09%
- Ficar em casa ---------- 04%
- A cidade não possui opções ---------- 04%
- Trabalhar ---------- 04%

3. Quais das opções de lazer e de atividades ao ar livre que a cidade lhe oferece você utiliza?

- Pista de Caminhada ---------- 29%
- Nenhuma ---------- 25%
- Praças ---------- 21%
- Restaurantes ---------- 13%
- Clube Poliesportivo ---------- 08%

4. Essas opções são suficientes?



5. Costuma frequentar espaços abertos e públicos? O que faz neles?

Sim - 86,5% Não - 13,5%



6. Os espaços abertos e públicos são bem estruturados e equipados? Caso não, o que falta e pode ser melhorado?

Não - 73% Sim - 18% Mais ou menos -09%



De acordo com o questionário, o que a maioria das pessoas gosta de fazer na cidade é sair de casa, com os amigos ou para comer. Quanto às atividades ao ar livre e lazer preferem utilizar da pista de caminhada e frequentar praças. Das pessoas que responderam ao questinário, 86% frequenta espaços abertos e públicos, para realizar caminhadas, exercícios físicos ou passar o tempo nas praças, mas não acham que estes sejam suficientes para suprir a cidade e as necessidades de seus habitantes. Não consideram esses espaços bem estruturados e equipados, achando que falta à eles manutenção, segurança, variedade de atvidades, iluminação, equipamentos, entre outras coisas.

4.2.2. A Área de Estudo

De acordo com a fundamentação teórica e com os levantamentos feitos em Paraguaçu Paulista, pode-se afirmar que a cidade sofre com o processo de segregação socioespacial. A ferrovia acaba por desempenhar o papel de barreira, separando a cidade em duas partes distintas, onde as áreas mais próximas ao centro se valorizam diferencialmente das que ficaram do lado oposto da linha do trem.

As áreas da cidade que ficam às margens da linha acabam tendendo a uma simplificação de usos, atraindo menos frequentadores, formando áreas vazias, sem uso, os vazios urbanos.

Como visto, a expressão vazio urbano surgiu para definir justamente os espaços encontrados nas zonas industriais abandonadas, nas ferrovias desativadas, nos edifícios abandonados, em terrenos que acabam perdendo suas funções. Hoje o significado é mais amplo, e pode ser definido como espaços que não fizeram parte do planejamento urbano, que acaba não ganhando uma função, as sobras, frutos da desarticulação do traçado urbano. São espaços que usam o investimento econômico de maneira inadequada, não cumprindo sua função social com a cidade.

Os vazios urbanos são espaços que se encontram ociosos e abandonados, mas com grande potencial para transformações, novos usos e qualificação. É necessário dar a eles uma vocação para alguma atividade, dar conteúdo social, a um lugar que se refere ao tempo histórico, tendo resultado de encontro entre o passado e o presente, memória e identidade do lugar.

Através do estudo teórico, pode-se dizer que os vazios urbanos são lugares desurbanos, que não atraem as pessoas, não as acolhem, não são receptivos, que negligenciam as pessoas, sendo hostis a elas. Espaços que possuem segregação tendem a possuir pouca urbanidade.

Esses espaços acabam perdendo sua identidade em relação à vivência da cidade e de sua paisagem. E o uso da paisagem é um elemento de grande importância para o convívio e para a qualidade de vida urbana.

Uma boa qualidade de vida na cidade envolve o convívio com as pessoas, envolve a urbanidade. Urbanidade é a vida de cidade, a qualidade da forma, que reflete no comportamento e bem estar das pessoas no espaço público. Ao falar de urbanidade fala-se de uma cidade ou lugar que recebe e acolhe as pessoas com hospitalidade, potencializam encontros e co-presença de pessoas de diferentes classes num mesmo espaço público.

É necessário superar as barreiras, de maneira que atraia as pessoas para vivenciar o espaço de maneira diversificada, estimular as pessoas a praticar a urbanidade. As barreiras separam as pessoas, enquanto as ideias e os espaços abertos geram possibilidades de encontrar o outro e de interagir com ele.

Existe um grande vazio urbano, Figura 41, às margens da antiga Estação Ferroviária, lugar de grande atratividade de visitantes graças ao passeio de Trem Turístico, possuindo grande potencial para se tornar algo novo, trazendo retorno positivo para a cidade.



Figura 41 - Mapa de Paraguaçu Paulista com área de estudo circulada

A área de estudo é linear e extensa, possuindo aproximadamente 18.000 m², não apresentando qualificações e cuidados. Pode ser considerada então um vazio urbano que não está cumprindo sua função social. Ela é cortada praticamente ao meio pela linha férrea, tendo algumas edificações - antiga Estação, Barracão de artes marciais - apenas ao lado oeste da linha, enquanto o lado leste está totalmente vazio. A Figura 42 mostra a área escolhida para estudo.

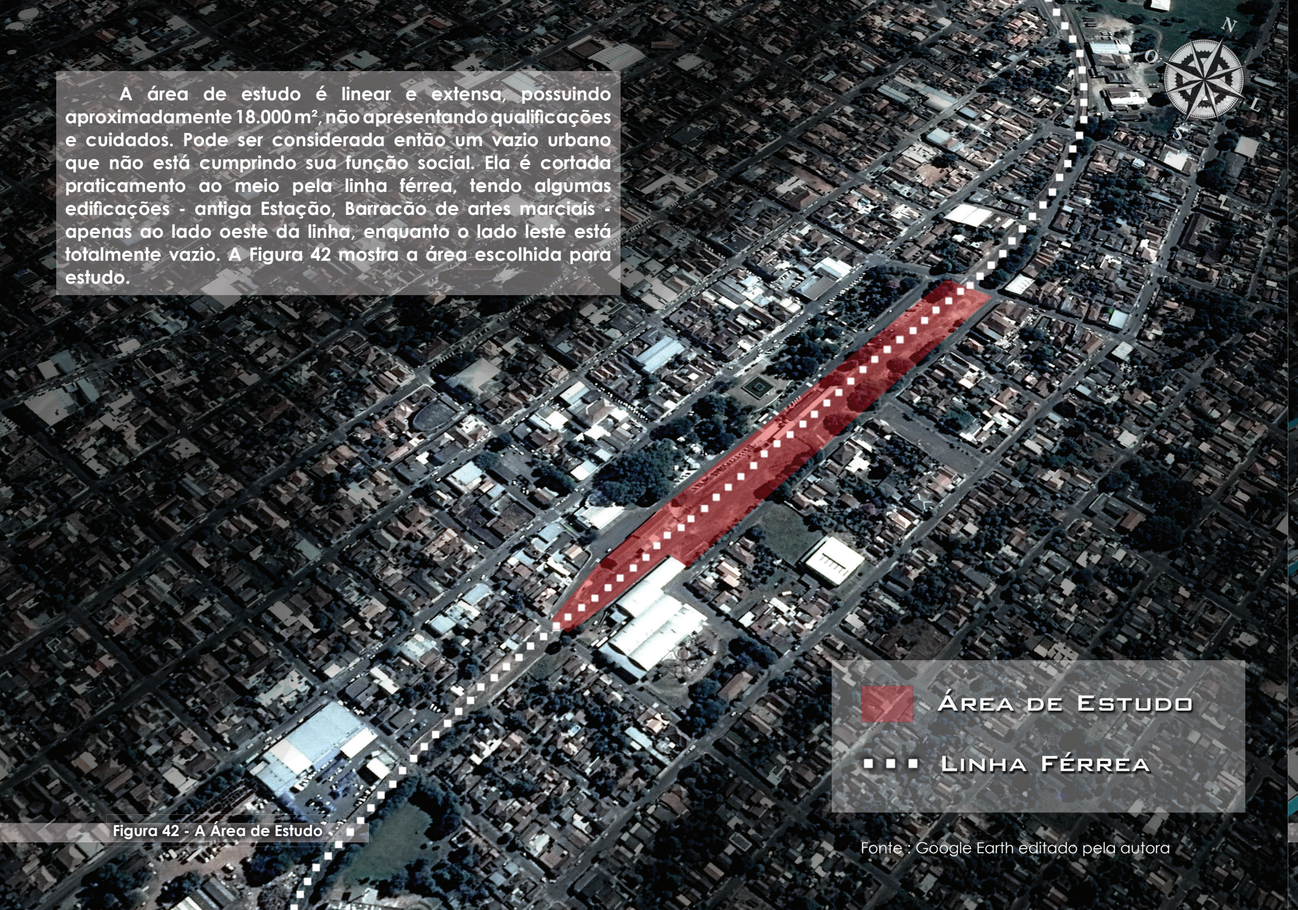


Figura 42 - A Área de Estudo

Fonte : Google Earth editado pela autora

A área é bem localizada, estando próxima do centro e possuindo fácil acesso, estando paralela às duas vias principais da cidade, a Avenida Brasil e a Avenida José J. Estevan. As ruas do entorno da área possuem conexões com essas vias principais, como pode ser visto na Figura 43, podendo ser acessada por todos seus lados.



Figura 43 - Vias próximas a área

Fonte : Google Earth editado pela autora

A área de estudo encontra-se cercada de elementos de grande importância para a cidade, como pode ser visto na Figura 44, que possuem função cultural, de lazer, comércio, serviços, entre outros. São elementos de usos diferentes e que atraem pessoas com objetivos variados.

O vazio possui grande potencial para a realização de multiatividades e encontro de diversidades.

Na área encontra-se a antiga Estação Ferroviária, hoje utilizada como ponto inicial do passeio de trem turístico - bilheteria - sendo uma área de atração e fluxo de turistas.



Figura 44 - Elementos importantes nas proximidades

Fonte : Google Earth editado pela autora

Como pode ser visto na Figura 45, o uso dos lotes no entorno da área é bem variado, sendo a maioria de uso residencial no lado leste, e de uso misto ao lado oeste - lado próximo ao grande centro. O entorno da área possui grande diversidade de usos, estando esta próxima de qualquer tipo de serviço.

Para se ter acesso ao centro os moradores do lado leste da linha tem que atravessar essa grande barreira, pulando obstáculos e correndo risco de acidente. A área não possui estrutura que facilite o seu cruzamento de maneira segura.



Figura 45 - Usos próximos

Fonte : Google Earth editado pela autora

Figura 46 - Planta atual da área com alguns de seus elementos



Barracão de artes marciais



Estacionamento 45°



Bilheteria, Conselho Tutelar e Guarda Municipal



Área utilizada como jardim



Caminhos de concreto com dois pergolados

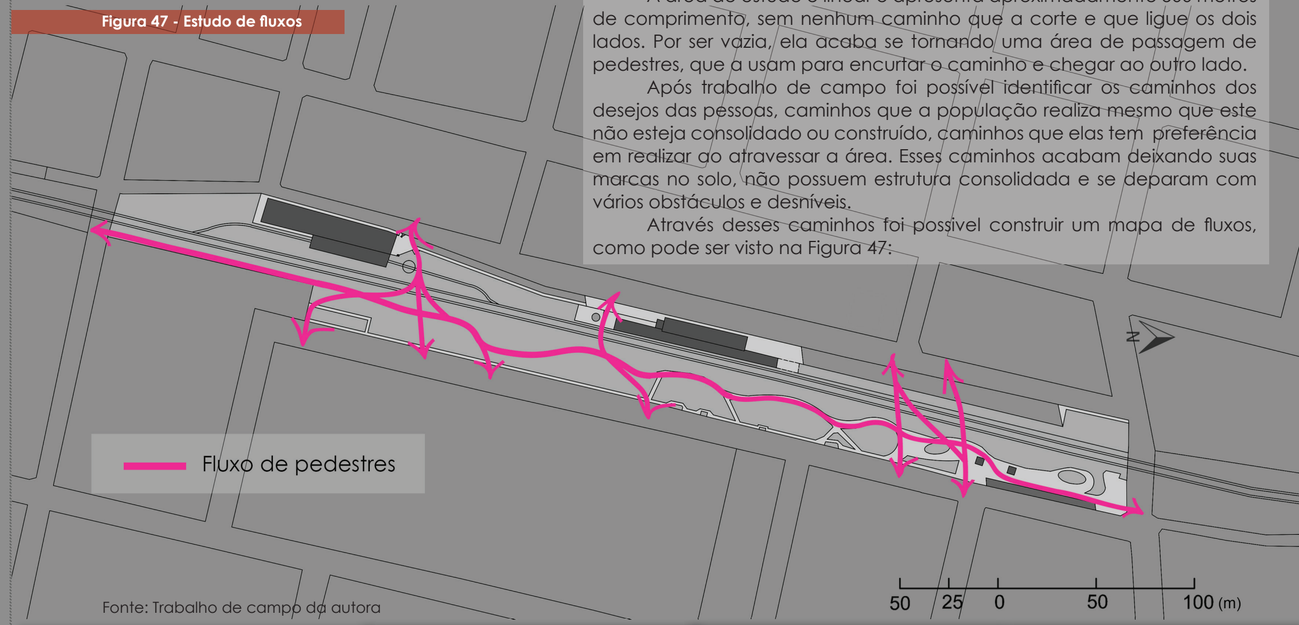
Fonte: Trabalho de campo da autora

Figura 47 - Estudo de fluxos

A área de estudo é linear e apresenta aproximadamente 500 metros de comprimento, sem nenhum caminho que a corte e que ligue os dois lados. Por ser vazia, ela acaba se tornando uma área de passagem de pedestres, que a usam para encurtar o caminho e chegar ao outro lado.

Após trabalho de campo foi possível identificar os caminhos dos desejos das pessoas, caminhos que a população realiza mesmo que este não esteja consolidado ou construído, caminhos que elas tem preferência em realizar ao atravessar a área. Esses caminhos acabam deixando suas marcas no solo, não possuem estrutura consolidada e se deparam com vários obstáculos e desníveis.

Através desses caminhos foi possivel construir um mapa de fluxos, como pode ser visto na Figura 47:



Fonte: Trabalho de campo da autora









Figura 48 - Estudo de barreiras e acessos











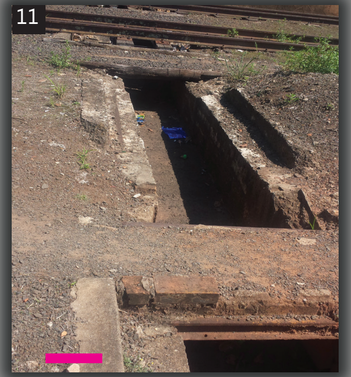


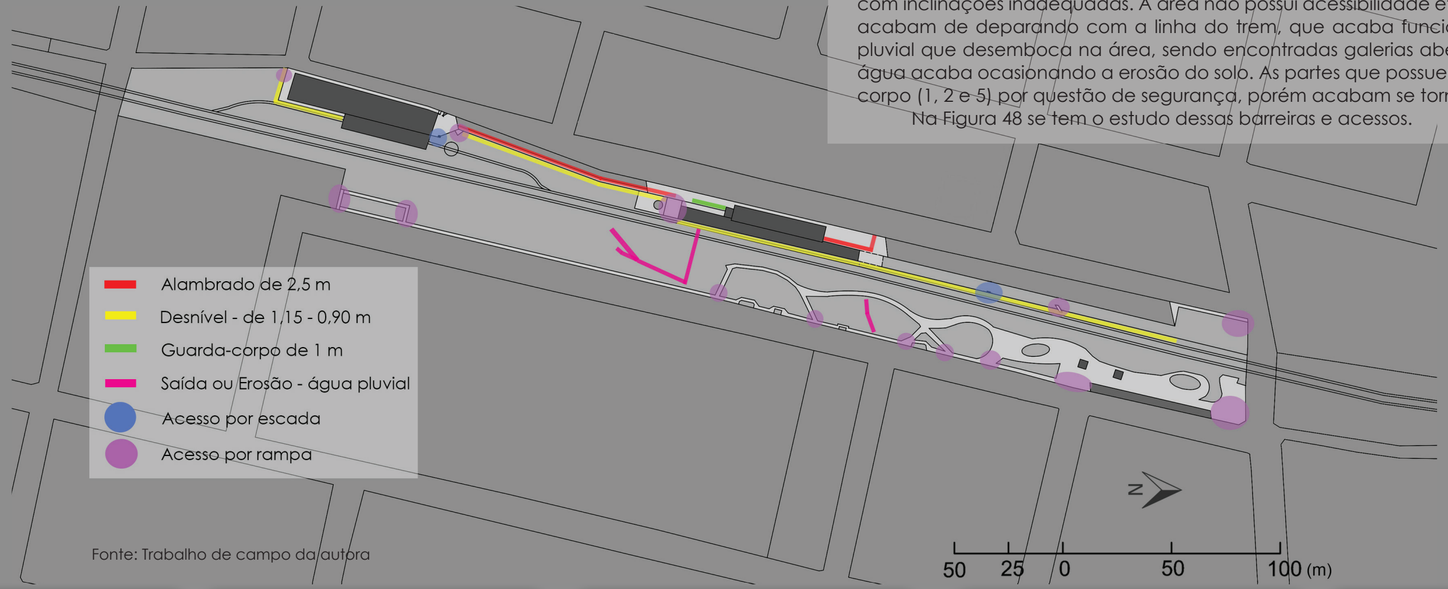












Fonte: Trabalho de campo da autora

O acesso da área é realizado por escadas (10), rampas de concreto (3 e 4) e rampas improvisadas no póprio solo, todas com inclinações inadequadas. A área não possui acessibilidade eficiente, já que mesmo com os acessos disponíveis os usuários acabam de deparando com a linha do trem, que acaba funcionando como obstáculo. Outro problema é o escoamento pluvial que desemboca na área, sendo encontradas galerias abertas (5, 7, 8, 9 e 11) que ao proporcionar o escoamento da água acaba ocasionando a erosão do solo. As partes que possuem desnível (2, 5 e 6) são cercadas por alambrados e guarda-corpo (1, 2 e 5) por questão de segurança, porém acabam se tornando um obstáculo visual.

Na Figura 48 se tem o estudo dessas barreiras e acessos.

















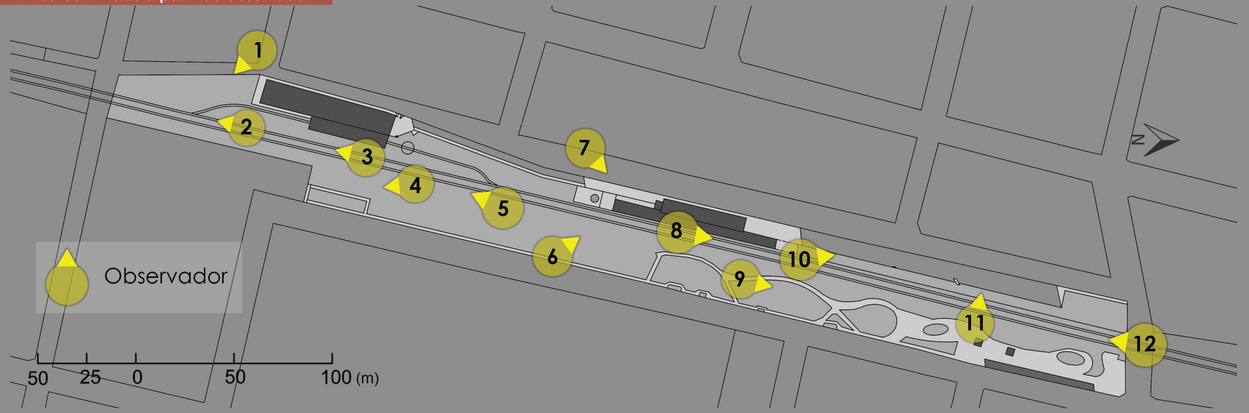






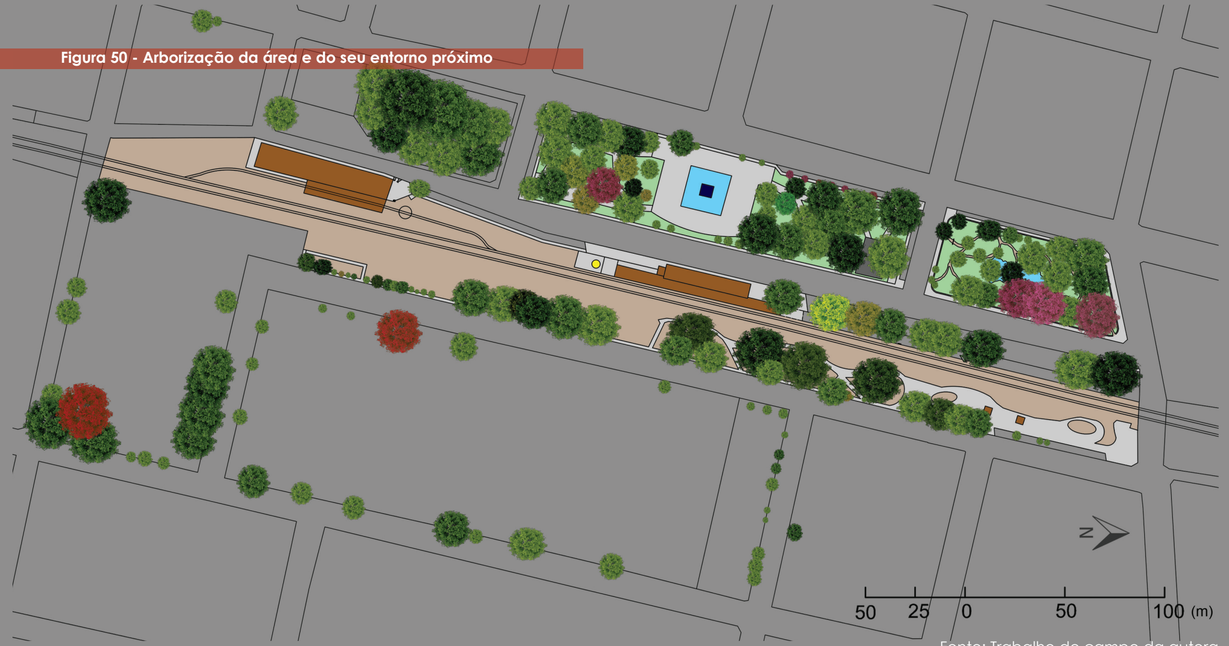


Figura 49 - Área com vistas a partir do observador



Fonte: Trabalho de campo da autora

Figura 50 - Arborização da área e do seu entorno próximo

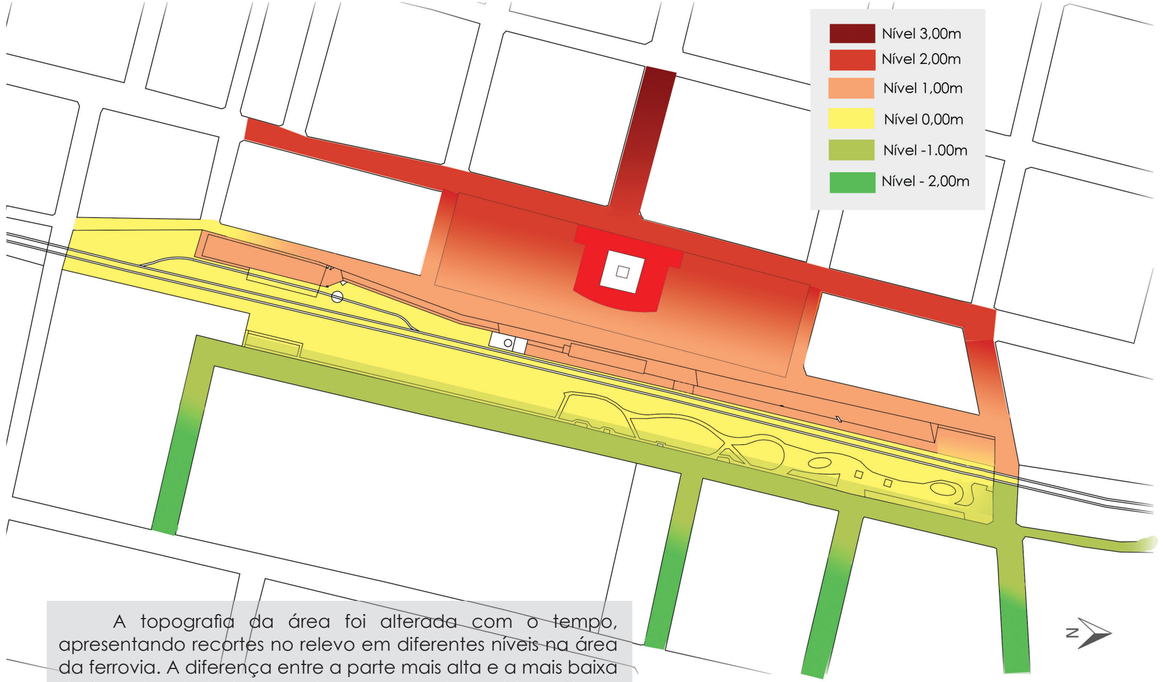


Fonte: Trabalho de campo da autora

De acordo com a Figura 50, a área e seu entorno apresentam uma boa quantidade de árvores, podendo ser considerada bem arborizada. Porém a distribuição não é homogênea, enquanto alguns pontos possuem grande concentração de árvores outros não possuem sequer uma unidade. Por consequência, algumas partes possuem bom sombreamento enquanto outras não.

As espécies são bem variadas, tendo grande variedade de porte, copa, cores de folhas, entre outros.

Figura 51 - Nível da área



A topografia da área foi alterada com o tempo, apresentando recortes no relevo em diferentes níveis na área da ferrovia. A diferença entre a parte mais alta e a mais baixa da área de estudo é de 4 metros, como pode ser visto na Figura 51.

Fonte: Trabalho de campo da autora



A área de estudo

Fonte: Autora

5.

O projeto

5.1. Objetivos

Como mostrado nos levantamentos, o vazio encontra-se adjacente a Antiga Estação Ferroviária, de onde sai o passeio de Trem Turístico. Quando os turístas chegam na área para fazer o passeio, eles encontram um espaço vazio e abandonado, pouco convidativo, sem opção de alimentação, equipamentos de higiene e de estar. Como consequência os visitantes chegam na cidade, realizam o passeio e logo em seguida saem da área ou da cidade. A proposta do projeto é qualificar esse vazio urbano, criando um espaço de lazer, contemplação e permanência, disponibilizando diversas atividades, de maneira que convide os visitantes a passar o dia na área, atraia maior quantidade de pessoas para a cidade e que tenha estrutura suficiente para propiciar bem-estar a eles.

Como o passeio de trem é reconhecido e atrai grande quantidade de pessoas da região, uma das diretrizes é a criação também de um circuito turístico que saia do projeto e percorra os atrativos do entorno até chegar na Igreja Matriz, valorizando os atrativos já existentes.

A proposta do projeto é criar um ambiente rico em atividades, de maneira que também ajude a cidade a suprir sua carência e a baixa qualidade de seus espaços públicos, sendo um projeto para a população da região, da cidade em geral e para os turistas.

5.2. Diretrizes do projeto

Criar um novo atrativo para a cidade

que atraia o turismo e ajude a cidade a manter seu título de Estância Turística.

Qualificar o Vazio Urbano

dar um uso, uma qualidade, uma vocação, um conteúdo social, incentivar a urbanidade no espaço, de maneira que quebre com a barreira física e psicológica criada por ele, sendo um espaço de multiatividades e equipamentos, pensando sempre na escala humana, no bem-estar dos usuários.

Criar um Espaço Público de qualidade

criar um Espaço Público bem estruturado e equipado no vazio urbano, de maneira que supra a carência da cidade em equipamentos públicos de lazer e que atraia maior número de visitantes e seja hospitaleiro a eles. Um espaço com urbanidade.

Valorizar os atrativos já exitentes

convidar as pessoas a utilizar os espaços já existentes através da criação de um circuito cultural.

5.3. Circuito

Como mostrado nos levantamentos realizados, o entorno do vazio urbano é uma área muito rica em atividades, diversidade de usos e em atrativos turísticos e culturais - Igreja Matriz, Fonte Luminosa, Jardim das Cerejeiras, Museu, Casa do Artesão - com grande potencial para a criação de um circuito cultural na área central da cidade, como a proposta da Figura 52 e 54.

Ao visitar um dos pontos turísticos, o visitante se depara com um circuito cultural, realizado sutilmente através de intervenções no paisagismo, iluminação e pavimentação, de maneira que interligue os atrativos já existentes, incentivando as pessoas a conhecerem os demais pontos.

É uma maneira do visitante interagir com a cidade, ter contato com a diversidade da área, deixando de conhecer apenas lugares pontuais.

O Circuito é trabalhado apenas como diretriz do projeto, já que não é o enfoque deste trabalho final de graduação, porém, não podendo ser deixado alheio ao projeto principal devido ao seu grande potencial.

Esse circuito deve chamar a atenção e interligar as áreas, sendo trabalhado através de intervenções, como mudança da pavimentação de suas calçadas, uso de cores fortes, trabalho de iluminação e paisagismo, disposição de placas contando a história dos pontos e sinalização.

Figura 52 - Caminho do Circuito



Fonte: Autora

Na pavimentação, nas calçadas das quadras que se encontram os atrativos, o material escolhido é a pedra portuguesa, já que é um elemento histórico da praça da Matriz e é encontrado em outras quadras da área central, como na Figura 53.

Figura 53 - Calçada de Pedra Portuguesa



Fonte: Trabalho de campo da autora

O paisagismo deve ser trabalhado com flores de cores vivas, que chamem a atenção, criando um caminho visualmente atraente.

A iluminação também segue essa proposta, sendo voltada para o paisagismo, pavimentação e para os atrativos turísticos, criando um caminho de luz. A iluminação é realizada através de Spots e Postes.

A sinalização é necessária para interligar os caminhos e áreas de maneira fácil e segura, através de placas com informações, faixas de pedestres e piso tátil.

As placas que contem a história dos atrativos servem para situar os visitantes sobre a história desses espaços, como e quando eles surgiram e por quem, possibilitando o conhecimento de uma parte da história da cidade.

Figura 54 - Circuito com visão do observador



Fonte: Autora

5.4. Etapas gerais do projeto

5.4.1. Regularização e implantação de calçadas no entorno da área

A área não apresentava calçadas em todo seu entorno, e as que existiam possuiam desníveis e dimensões menores do que é recomendado - 1,20m de faixa livre para circulação e 0,75m de Faixa de Serviço - sendo então regularizadas no projeto com largura de 2m.

5.4.2. Remoção dos gradis, buracos, erosões e desembocamento de tubulações de escoamento pluvial.

Como mostrado no mapa de Barreiras e Acessos, a área apresentava essas problemáticas: o gradil como barreira visual e os buracos, erosões e tubulações como barreira física.

Os gradis foram retirados para gerar maior permeabilidade visual, e ampliar os acessos.

Os buracos e Erosões foram tampados, para evitar possivéis acidentes.

O Desembocamento de tubulações tem como diretriz a sua remoção, visto que as tubulações estão todas danificadas e ao ar livre, devendo ser substituídas e tranferidas para outro local.

5.4.3. Implantação de Caminhos através da análise de fluxos e dos caminhos dos Desejos que as pessoas criaram.

Através da análise já apresentada, São consolidados caminhos de piso cimentício de cor amarela, de 10 cm de espessura, seguindo os percursos que as pessoas que atravessavam a área já utilizavam, de maneira segura, acessível e agradável, respeitando os caminhos consolidados que já existiam, os alterando apenas para melhor fluidez.

De acordo com NEUFERT (2013), para um tráfego de ciclistas, em sentidos diferentes, é necessário uma pavimentação de 2 metros de largura, e para pedestres também, dando um total de 4 metros. Todo o percurso do projeto possui 5 metros de largura, 1 metro a mais do que necessário, servindo como faixa de segurança, possibilitando a circulação de bicicletas e pedestres ao mesmo tempo. Na Figura 55, se tem uma ilustração do tamanho e funcionamento dos caminhos.

Figura 55 - Ilustração dos caminhos - sem escala



Fonte: Autora

5.4.4. Delimitação das áreas

Somente após todo o estudo realizado nesse trabalho - levantamentos, trabalho de campo, questionários - é que se tornou possível determinar o que implantar no Vazio Urbano. O projeto se dividiu em 16 áreas com atividades e equipamentos diversificados, que atendam às carências da cidade e de sua população. As áreas serão explicadas detalhadamente mais adiante.

5.4.5. Iluminação



A iluminação é usada como instrumento para dar visibilidade à paisagem noturna do projeto, possibilitando o a sua utilização também no período da noite, transmitindo sensação de segurança aos usuários.

Os tipos de iluminação escolhida foram 4: a unilateral - postes com 1 braço com apenas uma fonte de iluminação; bilateral - postes com 2 braços com duas fontes de iluminação, cada uma voltada para um lado; refletores - utilizados na quadra poliesportiva; lampião - por possuir menor iluminância é utilizada na área do cinema ao ar livre, criando um ambiente aconchegante.

Os postes unilaterais e bilaterais fazem parte da linha Candelburg, trabalhando em 12/24 VCC ou em 90 a 240 VAC, 50/60 Hz. Eles podem ser conectados a energia elétrica ou a painéis solares.

O emissor de luz tem vida útil estimada em 50.000 horas.



Unilateral: Poste com 1 braço, corpo em aço galvanizado e pintado eletrostaticamente. Altura de 2,5 m. Cúpula em vidro traansparente. Fixação ao solo através de parafusos e buchas. Abrange Raio de 4 metros.

Bilateral: Poste com 2 braços, corpo em aço galvanizado e pintura eletrostática. Altura de 2,5 m. Lente em vidro transparente. Fixação ao solo através de parafusos e buchas. Abrange Raio de 6 metros.

Refletor: Poste de 14 metros de altura, com 4 refletores cada, alcançando até 12 metros, de 1000 watts vapor metálico. Os Refletores são de alumínio anodizado com vidro frontal temperado transparente.O suporte para fixação é confeccionado em chapa galvanizada e as laterais em aluminio para maior resistência.

Lampião: Seu envoltório é réplica do lampião antigo, mas possui sistema moderno. Feito metal na tonalidade cobre, abrigando diodos emissores de luz (LED) em uma cúpula de vidro.



5.4.6. Mobiliário

A proposta é utilizar mobiliários que fogem do padrão comum, usufruindo da variedade de formas, de maneira que chame a atençaõ dos usuários e incentive o uso da área, tendo como referência para a elaboração deles os mobiliários dos projetos já estudados.

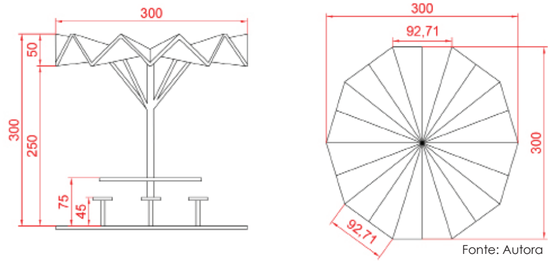
5.4.6.1. ABRIGO

Tomando como referência os quiosques do projeto The Superkilen, em Copenhagem, é proposto abrigos para proteger os usuários das intempéries, como chuva e insolação, proporciando a eles bancos e mesa para poderem descansar, passar o tempo e contemplar a área.

Características:

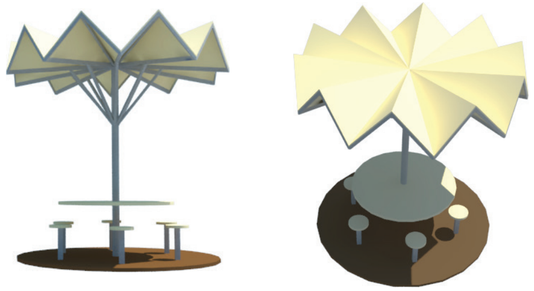
- Cobertura: Estrutura metálica de perfil quadrado, de 3 cm, com cobertura em PVC e proteção UV; queda d'água para o lado de fora, com inclinação de 10%. A estrutura é semelhande a de um ombrelone, a diferença é que é mais resistente e fixa.
- Mastro: Metálico e circular de 10 cm de diâmetro.
- Mesa: Tampo de concreto circular de 1 metro de diâmetro e 5 cm de expessura
- Bancos: Concreto circular de 40 cm de diâmetro.
- Chão: Piso cimentício circular de 3 metros de diâmetro e 3 cm de espessura.

Figura 56 - Vista Frontal e Planta (cm)



Fonte: Autora

Figura 57 - Perspectiva



Fonte: Autora

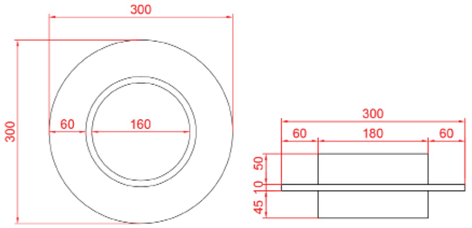
5.4.6.2.BANCOS AO REDOR DAS ÁRVORES

Tomando como referência um dos mobiliários do projeto The Superkilen, em Copenhagem, é proposto bancos voltados ao redor de algumas árvores já existentes e de algumas que serão plantadas, aproveitando a copa das árvores como proteção e seu sombreamento.

Características:

- Feito de Concreto, com forma circular de 3x3 metros de diâmetro.
- Seu centro é vazio, reservando espaço para o tronco da árvore. O centro pode ser vazio ou preenchido com terra e flores coloridas.

Figura 58 - Vista Frontal e Planta (cm)



Fonte: Autora

Figura 59 - Perspectiva



Fonte: Autora

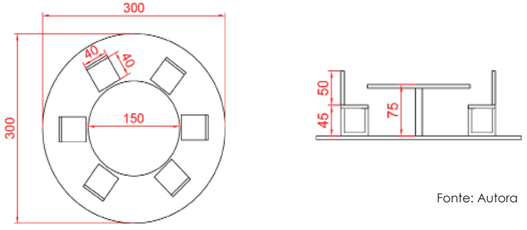
5.4.6.3. MESA DE JOGOS

O uso das mesas de jogos nas praças da cidade é muito comum pela população idosa para jogar baralho, xadrez, dama, entre outros. A proposta é fugir do modelo tradicional, criando um mobiliário mais confortável, tendo onde o usuário encostar e com maior número de lugares, permitindo a participação de maior número de usuários.

Características:

- Mesa: Feita de Concreto de 5 cm de espessura, com 1,5 m de diâmetro. Em sua superfície é aplicada textura xadrez, aludindo aos jogos.
- Cadeiras: Feitas de Concreto de 4 cm de espessura, com assento de 0,4 x 0,4 m. 6 lugares.
- Chão: Piso cimentício circular de 3 metros de diâmetro e 3 cm de espessura.

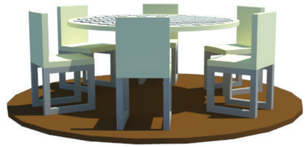
Figura 60 - Vista Frontal e Planta (cm)



Fonte: Autora

Figura 61 - Perspectiva





Fonte: Autora

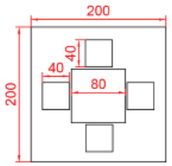
5.4.6.4.Mesa área de alimentação

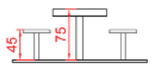
Mobiliário bem simples e padrão, disposto pela área de alimentação para os usuários terem aonde se sentar para comer.

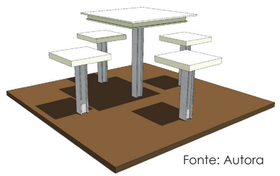
Características:

- Mesa: Feita de Concreto de 10 cm de espessura, em forma quadrada de 0,80x0,80 m.
- Bancos: Feitos de Concreto de 5 cm de espessura, com assento de 0,4x0,4 m. 4 lugares.
- Chão: Piso cimentício quadrado de 2x2 m e com 3 cm de espessura.

Figura 62 - Planta, Vista Frontal e Perspectiva (cm)







Fonte: Autora

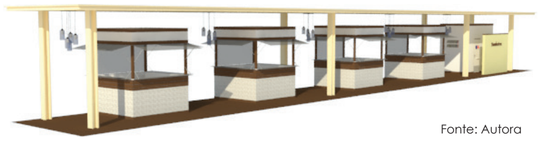
5.4.6.5. Cobertura na área de alimentação

A venda de comida na área de alimentação é feito através de food-trucks ou trailers e por pequenos 'blocos' que possuem estrutura básica para tal atendimento - água, esgoto e energia.
Esses blocos são posicionados embaixo de uma extensa cobertura, com objetivo de os proteger de possíveis intempéries e setorizar melhor o espaço.

Características:

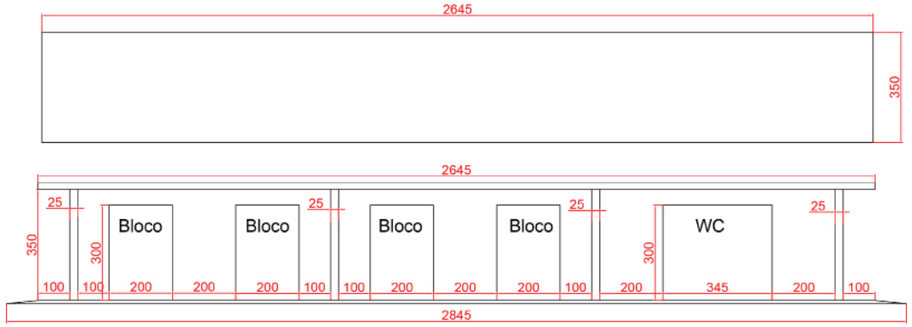
- Blocos: Tipo padrão, com dimensão de 2x2x2,8m feitos em alvenaria. As janelas são de vidro e basculantes, posicionadas em 3 dos 4 lados, com esquadria de alumínio.
- Cobertura: De 26,45x3,5 m. Feita de estrutura metálica e Telha Metálica Topsteel Trapezoidal - cobertura termo-acústica, garante reflexão dos raios solares, podendo chegar a 75%, e amortecimento de até 85% do impacto direto da chuva sobre as telhas. É feita de aço muito leve (a partir de 3,17 kg/m2) o que diminui os gastos com a estrutura.
- Chão: Piso cimentício retangular de 2x2 m e com 3 cm de espessura.

Figura 63 - Perspectiva



Fonte: Autora

Figura 64 - Vista Frontal e Planta (cm)



Fonte: Autora

5.4.6.6. Bancos

Por todo o projeto são distribuídos bancos que seguem o traçado orgânico da área, paralelos aos canteiros, e não possuem um comprimento padrão. Eles são implantados em pontos estratégicos, próximos as atvidades, favorecidos por sombreamento, iluminação artificial, entre outros.

Características:

- Feitos de concreto colorido, de cor amarela.
- Forma em perfil retângular de 45 cm de altura por 60 cm de largura. O comprimento não segue um padrão.

5.4.7. Rampas e Escada

A área do projeto possui desnível de um metro, de um ponto ao outro, no sentido leste/oeste, sendo necessária a implantação de 2 rampas para possibilitar a acessibilidade da área. As duas foram projetadas com inclinação de 8% e com no mínimo 1,20 m de largura.
A escada tem o mesmo propósito, possuindo piso de 30 cm e espelho de 16,66.

Características:

- Ambos de piso cimentício, de cor amarela, seguindo o padrão dos caminhos.

5.5. PLANTA

Após todo o levantamento e estudo, chega-se a esta planta final, Figura 65, que visa criar um novo atrativo para a cidade qualificando o vazio urbano, dando à cidade e aos visitantes uma nova opção de lazer e entretenimento.

Como já dito, foram criados caminhos para pedestres e ciclistas através do estudo dos fluxos que as pessoas já realizavam, consolidando-os e os tornando seguros, permitindo a travessia da área com acessibilidade para todos. A área possuía arborização em apenas alguns pontos, sendo então feito um estudo paisagístico para tornar o espaço sombreado e com uma paisagem agradável. Foram implantados diferentes áreas com multiatividades, para atrair todos os tipos de público, com objetivos variados, espaços de encontro, estar e contemplação, de maneira que cria um espaço com diversidade e urbanidade. Cada área foi criada com um objetivo e justificativa, visando sempre suprir as carências da cidade e o bem-estar dos visitantes. O estudo mais arpofundado está mais adiante e também nas pranchas que se encontram em anexo.

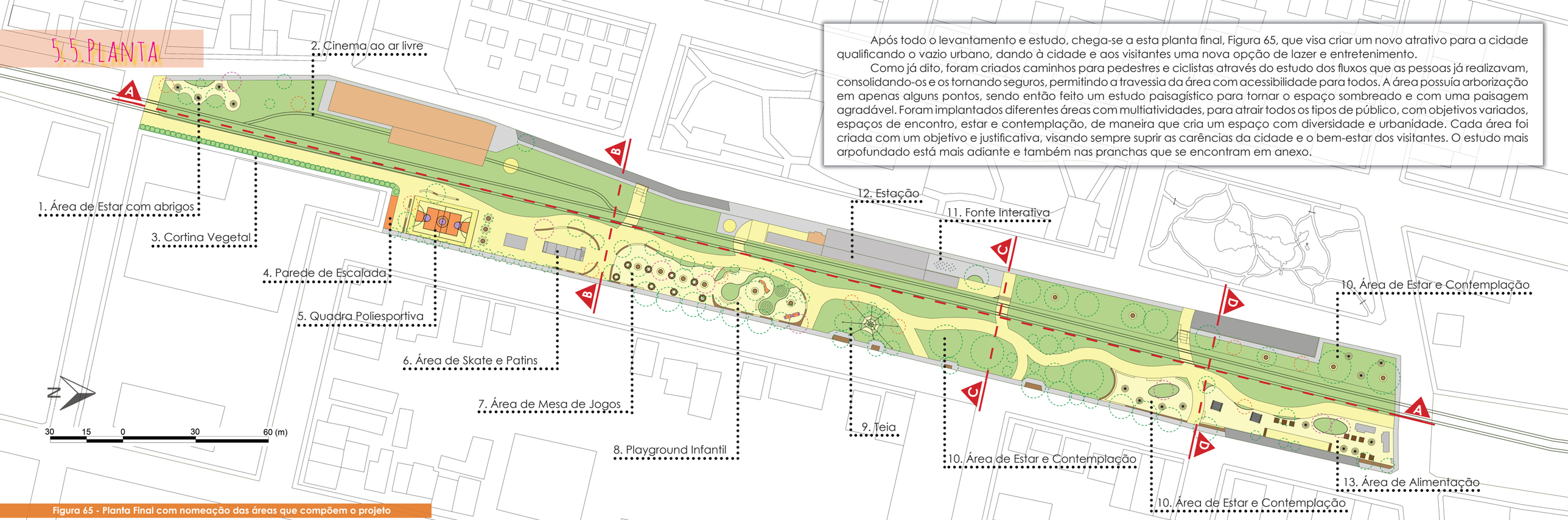


Figura 65 - Planta Final com nomeação das áreas que compõem o projeto

5.6. Perfis



Figura 66 - Perfil BB

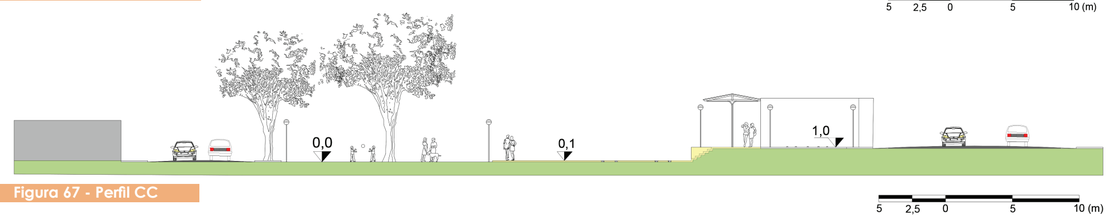


Figura 67 - Perfil CC

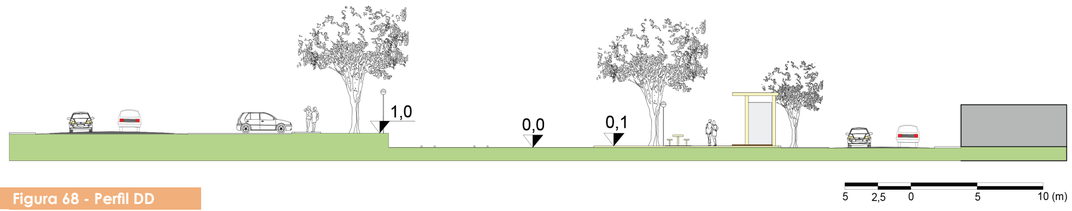


Figura 68 - Perfil DD



Figura 69 - Perfil AA

5.7. Mapa de Iluminação

Figura 70 - Mapa de Iluminação



30 15 0 30 60 (m)

5.8. Áreas do Projeto

5.8.1. Área de Estar com Abrigos

Implantada em uma área que se encontrava vazia e sem uso, com despejo de resíduos. A proposta é criar um espaço com pavimento em forma orgânica onde se encontram Abrigos, com banco, mesa e cobertura, Arborização e Iluminação adequada, criando um ambiente de Estar e de Contemplação.

Características:

- Piso Cimentício de 10 cm.
- 4 abrigos de 3x3 m
- Iluminação bilateral

Inspirado em uma das propostas do projeto The Goods Line, é reservad um espaço para passar filmes ao ar livre gratuitamente, levando obras cinematográficas para o público em geral, criando uma experiência coletiva.

Características:

- Tela do tipo Airscreen® de 9,15 x 5,15 m posicionada na lateral do barracão de artes marciais. A escolha do tipo de tela se deu por se tratar de uma alternativa flexível e econômica em comparação a um telão convencional. Devido a sua dimensão de projeção e à sua leveza, ela pode ser montada até mesmo em locações sensíveis como é o caso de vários centros históricos. É constituída de uma moldura inflável feita de um PVC especial, onde dentro desta moldura se encontra a tela de projeção. A estabilidade da moldura é realizada através de uma bomba de ar, a qual garante a pressão de ar necessária dentro da moldura. Devido a um sistema de cordas e contrapesos a moldura tem uma ótima fixação e agüenta até um vento força 5.
- Iluminação através de lamparinas com lâmpadas de diferentes cores, penduradas nas árvores, para criar um clima mais aconchegante e convidativo.

5.8.2. Cinema ao ar livre

5.8.3. Cortina Vegetal

A implantação de Cortina Vegetal atua de forma positiva, trazendo benefícios como a redução da erosão, amenização climática, redução do nível de poluição sonora e visual, redução dos níveis de poeira e poluição e redução do vento. No projeto é utilizada para criar uma barreira visual que isole e 'esconda' o Centro de Reciclagem. Criada através da implantação enfileirada de Chorões Eretos.

Características:

- Uso de 53 mudas de Chorão Ereto.
- Iluminação unilateral.

5.8.4. Parede de Escalada

Figura 71 - Estrutura Metálica



Parede de Escalada, inspirada na do projeto The Cumberland Park, feita de estrutura metálica com placas de madeira, Figura 71, implantada na divisa com o Centro de Reciclagem, o isolando.

Características:

- Estrutura metálica de 14,40x6,00m, composta de hastes soldadas de perfil quadrado 0,05x0,05m, onde são fixadas um total de 27 placas de madeiras de 1,60x2,00x0,02m. A fixação se dá através de parafusos, porcas e pregos.
- As Agarras de Escalada, feitas em resina, são fixadas nas chapas de madeira através do uso de porcas-agarra.
- Para conservação, as placas de madeira são pintadas com Esmalte Sintético.

5.8.5. Quadra Poliesportiva

É implantado no projeto uma quadra poliesportiva, para a prática de diversas atividades, como basquete, vôlei e futsal. Consiste basicamente de uma superfície plana, retangular, delimitada por marcações que estabelecem seus limites e os componentes necessários para cada esporte. Esse tipo de equipamento foi escolhido devido a carência da cidade em equipamentos esportivos públicos.

Características:

- Dimensão de quadra oficial: 27,00x16,00m.
- Feita em cimento.
- Utilização de gradis em seu entorno, de 5 metros de altura, para a retenção da bola na área.
- Iluminação através de refletores e auxílio da iluminação bilateral de seu entorno.
- Implantada na direção Norte/Sul, levando em conta a insolação.

5.8.6. Área de Skate e Patins

Figura 72 - Uso de Skate no entorno da área



Utilizados como meio de transporte, recreação e esporte, o uso de skates e patins vem conquistando espaço na cidade. Para sua prática como esporte e lazer, é necessária a existência de equipamentos próprios, as pistas, o que é inexistente na cidade, acarretando no uso das ruas e calçadas para tal atividade. Devido a esses fatores, e por os jovens já utilizarem o entorno da área do projeto para tal prática, como pode ser visto na Figura 72, é implantado uma Pista de Skate e Patins, com dois elementos, para a realização e incentivo do esporte.

Características:

- Pista padrão, um elemento curvo e um com corrimão.
- Feitos de Concreto Queimado.
- Dimensões 17,30x4,80x3,00m elemento curvo e 9,00x5,40m elemento com corrimão
- Iluminação bilateral.

5.8.7. Área de mesa de jogos

É de costume na cidade as pessoas, principalmente os idosos, procurarem dos espaços públicos para encontros de jogos de carta, dama, xadrez, entre outros. É reservada, então, uma área do projeto que propicie essas práticas, com um mobiliário mais confortável do que o padrão, a mesa de jogos já citada anteriormente (p. 85).

Características:

- As mesas de jogos são dispostas na sombra das árvores, devido a preocupação com a insolação.
- Disposição de bancos ao redor das árvores e paralela a área, para quem não estiver participando dos jogos.
- Caso não haja jogos, a área se torna um espaço de estar, encontro e contemplação.
- A área é pavimentada com piso cimentício de 10 cm de espessura.
- Iluminação bilateral.

5.8.8. Playground Infantil

Uma das carências da cidade, é a ausência de playgorunds infantis, principalmente de qualidade. Os escassos que existem seguem o padrão tradicional de escorregador, balanço e casinha de madeira, tornando-se um elemento pouco atraente para o público infantil. A proposta do projeto é criar um espaço para esse público de uma maneira diferenciada, com caminhos e percursos orgânicos e uso de equipamentos lúdicos, com maior atratividade, sendo uma nova opção de divertimento.

Características:

- Caminhos orgânicos de piso cimentício de 10 cm de espessura.
- Disposição de bancos ao redor das árvores e paralela a área, para que os responsáveis possam acompanhar as crianças.
- A disposição dos caminhos, canteiros e bancos delimitam a área para maior controle e segurança dos usuários.
- Elementos: Túnel, Morrinho de Escalada, Morrinho túnel, labirinto de forração e trenzinho.
- Demarcação de uma proposta de percurso para as crianças seguirem, incentivando a utilização de todos os elementos.
- Iluminação bilateral.

Figura 73 - Playground Infantil visto de outro ângulo

Tomando como referência o mobiliário Slacklines Installation, encontrado no Parque de Villamanin na Itália, é implantada uma rede em forma de Teia para que as pessoas possam relaxar e descansar, posicionada na sombra das árvores e sendo estruturada por elas.

Características:

- Tem que ser bem tencionada para que as pessoas possam sentar e deitar sobre ela.
- Posicionada a 0,60 m do chão e montada ao redor de uma árvore principal.
- As áreas de descanso são feitas de Panagem de Rede e as fitas estruturais são de poliéster, mesmas utilizadas na prática de Slackline, atingindo até 15 metros de comprimento.
- Tensionamento através de Catraca, que traciona a fita até que ela fique esticada o suficiente.
- Protetor da catraca: para proteger caso alguém coloque o pé ou caia perto, evitando acidentes, e também protege a catraca de possíveis intempéries.
- Protetor das árvore: Evitar o atrito da fita com ponto de contato com as árvoes para não danificá-las.
- Em pontos que não tem como apoiar nas árvores é utilzado pilar de concreto, com 0,4m de diâmetro x 1m de altura.



5.8.9. Teia

5.8.10. Áreas de Estar e Contemplação

Áreas reservadas apenas para estar e contemplação, com disponibilização de mobiliários - abrigos, bancos, pergolados - e aproveitamento do sombreamento das árvores já existentes. Ideal para encontar as pessoas, trocar ideias, fazer um piquinique ou simplesmente passar o tempo.

Características:

- Iluminação bilateral.
- Gramado ou pavimento cimentício de 10 cm de espessura.
- Uso de abrigos, bancos e os bancos ao redor de algumas árvores.
- Os pergolados já existem no local, é implantada apenas cobertura vegetal para diminuir a insolação.

Figura 74 - Outro exemplo de área de Estar e Contemplação

5.8.11. FONTE INTERATIVA

Fonte d'água onde os usuários e vistantes possam interagir e se entreter, implantada ao lado da Antiga Estação Ferroviária, tendo como proposta de chamar a atenção para a Estação e trazer frescor e divertimento.

Características:

- Jatos de água que saem do chão.
- Funcionamento e manutenção através de instalação hidráulica e elétrica, filtros, bombas e de galeria subterrânea.
- Iluminação bilateral e colorida no próprio jato d'água.

5.8.12. ESTAÇÃO

Como a antiga Estação Ferroviária perdeu toda a sua característica histórica original, a propostar é pendurar por sua extensão quadros que narrem essa história, de maneira que os visitantes e os turistas que foram a área para realizar o passeio de Trem Turístico possam conhecem um pouco mais da trajetória da cidade.

Características:

- Quadros de 0,80x1,00m, com moldura de madeira e película de vidro, pendurados por cabos presos na estrutura que sustenta a cobertura da Estação.
- Iluminação nos quadros.

5.8.13. Área de Alimentação

Área com trailers ou food-trucks e 4 pequenos blocos de 2,00x2,00m, para venda de cachorro quente, tapioca, pipoca, entre outros. Já existe a venda de alimentação no entorno da área, mas sem regularização e lugar própro para tal uso. A proposta é trazer isso para o espaço criado, para atrair as pessoas para o espaço, atender as necessidades dos turistas e dos usuários.

Características:

- funcionamento em diversos horários, ocorrendo movimentação o dia todo, o que auxilia na segurança.
- presença de mesas e abrigos - detalhamento na p.86 - para comodidade dos usuários e diminuição da insolação.
- cobertura de estrutura metálica para proteger os 'blocos' da insolação - detalhamento na p.86.
- Iluminação bilateral e também através de pendentes pendurados na área de cobertura.

Para maior conforto dos usuários da área, é implantado dois banheiros no local, embaixo da cobertura onde estão localizados os pontos de alimentação, um masculino e um feminino, ambos com acessibilidade. É também alocada uma pia, para quem queira apenas lavar as mãos. Na Figura 00, pode se ver a planta e o corte.

Figura 75 - Área de Alimentação vista de outro ângulo



Figura 76 - Planta e Corte do Banheiro



5.9. Paisagismo

Espécies Ornamentais

Aldrago

NOME CIENTÍFICO Pterocarpus violaceus
ALTURA / DIÂMETRO 15M / 6M
Folhagem brilhante e delicada, florada curta e intensa. Útil para o plantio em calçadas largas longe da fiação elétrica e áreas públicas. É uma espécie de fundamental importância para a recuperação de áreas degradadas.





Alecrim de Campina

NOME CIENTÍFICO Holocalyx balansae
ALTURA / DIÂMETRO 15M / 8M
Possui copa perene e densa, que proporciona áreas de sombra. Pode florescer mais de uma vez ao ano. Apesar de não ter um crescimento muito rápido, é utilizada na arborização urbana e no adensamento florestal





Caroba Branca





NOME CIENTÍFICO Sparattosperma leucanthum
ALTURA / DIÂMETRO 10M / 7M
Copa com ramos pendentes e florescimento vistoso. Comumente empregada em plantios mistos em locais degradados graças ao seu rápido crescimento e resistência. Pode ser utilizado nos estacionamentos, caminhos e em áreas de estar.

Chá de Bugre

NOME CIENTÍFICO Cordia sellowiana
ALTURA / DIÂMETRO 10M /4M
Na arborização urbana, proporciona boa sombra e atrai a fauna, sendo assim bastante adequada para o plantio em praças de convivência, jardins, em calçadas desde que não esteja sob a rede elétrica e é cultivada para recompor áreas de APP.



Fonte: Catálogo de Espécies Vegetais FDE

Ipê Amarelo

NOME CIENTÍFICO Tabebuia chrysotricha
ALTURA / DIÂMETRO 6M / 6M
Sua copa projeta agradável sombreamento sobre as ruas, encaixando-se exatamente em vias estreitas e não conflitando com redes elétricas por causa de seu pequeno porte. Seu florescimento é intenso e pode ser utilizado em áreas de estar.
PROJETO: Utilizada no vazio urbano nas áreas de estar.



Ipê Roxo de Sete Folhas

NOME CIENTÍFICO Tabebuia heptaphylla
ALTURA / DIÂMETRO 20M / 8M
É umas das espécies mais populares na arborização urbana e de jardins. Com sua esplendida floração, porte não muito grande e copa relativamente rala, confere beleza aos vários espaços urbanos: de parques, jardins e praças à avenidas e ruas. Pode ser usada com grande sucesso tanto isolada como em grupos nas áreas verdes. Bastante recomendada também para o plantio em áreas degradadas destinadas à recuperação ambiental.
PROJETO: Utilizada no vazio urbano nas áreas de estar.



Chorão Ereto

NOME CIENTÍFICO Salix nigra 'Columnaris'
ALTURA / DIÂMETRO 15M / 3M
Espécie com grandes características ornamentais, devido a arquitetura colunar de sua copa. Tem sido muito cultivada para fins ornamentais em jardins residenciais das regiões sul e sudeste. Tem potencial para formação de renques para barreiras visuais e quebra-ventos. Apresenta crescimento rápido e aprecia solos úmidos com boa concentração de matéria orgânica.
PROJETO: Utilizada como barreira visual na parede do centro de Reciclagem.

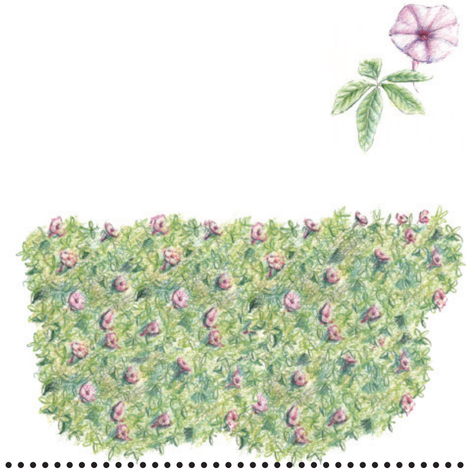
Fonte: sobasombradasarvores



Espécie trepadeira

Ipomeia

NOME CIENTÍFICO Ipomoea cairica
CRESCIMENTO Moderado
FLORAÇÃO Ano todo
Por seu crescimento vigoroso e pelas flores que surgem durante quase o ano todo, é ótima para revestir muros, grades e treliças.
PROJETO: Utilizada nos pergolados existentes na área de alimentação e de estar.



Espécies Forração

Agapanto

NOME CIENTÍFICO Agapanthus africanus
CARACTERÍSTICA Pleno Sol/Meia-Sombra
ALTURA / DIÂMETRO 0,6M / 0,3M
Ótima espécie para plantio de canteiros, em grandes conjuntos ou ao longo de muros, sempre em solo rico em material orgânico. Floresce melhor quando é plantado de forma adensada, por este motivo é mais indicado para os canteiros.
PROJETO: Utilizada nos canteiros.



Clorófito

NOME CIENTÍFICO Chlorophytum comosum
CARACTERÍSTICA Meia-Sombra
ALTURA / DIÂMETRO 0,2M / 0,15M
Possui fácil cultivo e manutenção. Se plantada em talude possui aspecto pendente. Como forração adapta-se a lugares fechados e abertos, porém não suporta pisoteio.
PROJETO: Utilizada nos canteiros, canteiro das rampas, embaixo de algumas árvores e no labirinto no playground infantil.



Fonte: Catálogo de Espécies Vegetais FDE

Curcúligo

NOME CIENTÍFICO Curculigo capitulata
CARACTERÍSTICA Meia-Sombra/Sombra
ALTURA / DIÂMETRO 0,8M / 0,4M
Possui fácil cultivo e manutenção. Se plantada em talude possui aspecto pendente. Como forração adapta-se a lugares fechados e abertos, porém não suporta pisoteio.
PROJETO: Utilizada nos canteiros e embaixo de algumas árvores.



Fonte: Catálogo de Espécies Vegetais FDE

Lírio Amarelo

NOME CIENTÍFICO Hemerocallis flava
CARACTERÍSTICA Pleno Sol
ALTURA / DIÂMETRO 0,6M / 0,4M
As inflorescências ocorrem nos meses mais quentes e úmidos do ano, fazendo brotar flores amarelas e laranjas. Ideal para os espaços de difícil manutenção, pois não requer grandes cuidados, ou grandes áreas sob a sombra das árvores, formando grandes maciços.
PROJETO: Utilizada nos canteiros em geral, principalmente das rampas e também no labirinto do playground infantil.



Singônio

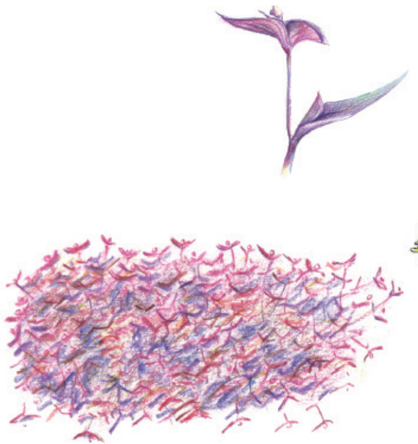
NOME CIENTÍFICO Syngonium angustatum
CARACTERÍSTICA Meia-sombra
ALTURA / DIÂMETRO 0,15M / 0,15M
Apresenta variação na cor das suas folhas conforme o crescimento, de um aspecto verde claro com nervuras brancas para completamente verdes durante seu desenvolvimento. Pode ser utilizada como forração ou trepadeira. Tem crescimento vigoroso e, por este motivo, é indicada para obrir áreas abaixo de árvores e taludes.
PROJETO: Utilizada embaixo de algumas árvores.



Gramado

Trapoeraba

NOME CIENTÍFICO Tradescantia pallida
CARACTERÍSTICA Pleno Sol
ALTURA / DIÂMETRO 0,25M / 0,15M
Cultivo ideal em forma de forração ou floreira, em terra de jardim ou terra vegetal, em maciços adensados a pleno sol.
PROJETO: Utilizada nos canteiros das rampas e no labirinto do playground infantil.



Buxinho

NOME CIENTÍFICO Buxus sempervirens
CARACTERÍSTICA Meia-sombra/Pleno Sol
Tem grande durabilidade e rusticidade com os cuidados básicos, exigindo pouca manutenção. Perfeito para compor desenhos, cercas e esculturas vivas, também é muito utilizado para Bonsai. Adapta-se muito bem ao cultivo em vasos.
PROJETO: Utilizada nos canteiros das rampas e no labirinto do playground infantil.

Fonte: jardineiro.net



Fonte imagem: terracotajardinagem

Grama batatais

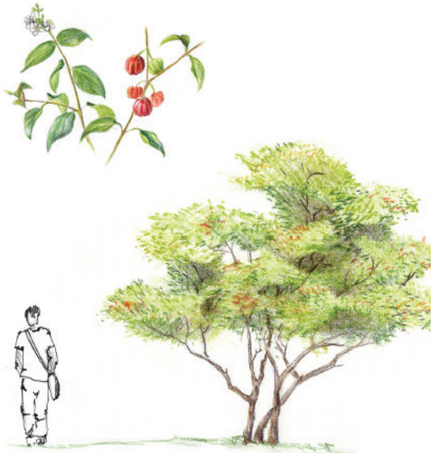
NOME CIENTÍFICO Paspalum notatum
CARACTERÍSTICA Meia-sombra/Pleno Sol
Devido a sua resistência é muito utilizada para áreas de grande pisoteio, resistente a seca e a solos pobres. Não se adapta à sombra, mas tolera a meia-sombra. É bastante vigorosa, necessitando de cortes mais freqüentes, em especial no verão.
PROJETO Utilizada em todo o projeto.



Espécies Frutíferas

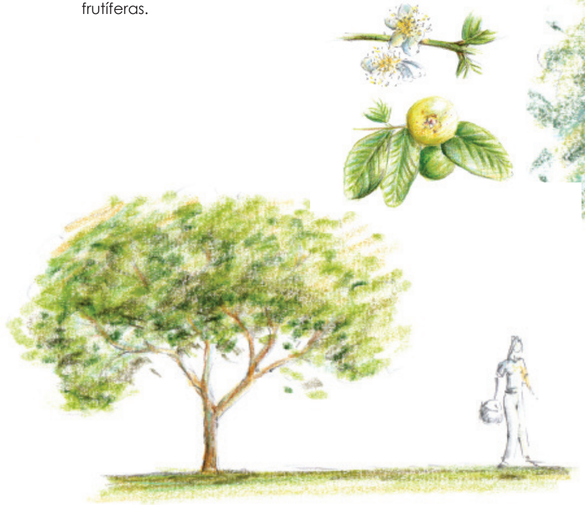
Pitangueira

NOME CIENTÍFICO Eugenia uniflora
ALTURA / DIÂMETRO 6,5M / 4M
Deve ser evitada em locais de vias públicas e nos estacionamentos, pois seus frutos podem atingir os automóveis. Pode ser utilizada em pomares possibilitando o consumo dos seus frutos. Amadurecimento dos frutos ocorre em outubro-janeiro.
PROJETO: Utilizada na área reservada para árvores frutíferas.



Goiabeira

NOME CIENTÍFICO Psidium guajava
ALTURA / DIÂMETRO 4M / 6M
Deve ser plantada sob sol pleno. Rústica, a goiabeira adapta-se a diversos tipos de solo. As podas da goiabeira são especiais e efetuadas para formação da copa e frutificação. Amadurecimento dos frutos ocorre em dezembro-março.
PROJETO: Utilizada na área reservada para árvores frutíferas.



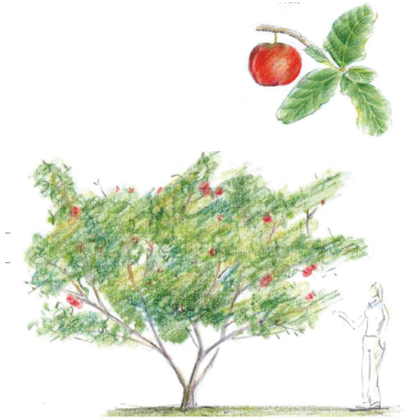
Jabuticabeira



NOME CIENTÍFICO Myrciaria trunciflora
ALTURA / DIÂMETRO 12M / 8M
Espécie de folhas pequenas e tronco liso. Floração intensa, seu tronco e seus galhos ficam repletos de flores brancas e em seguida de frutos pretos. Amadurecimento dos frutos ocorre em agosto-setembro e janeiro.
PROJETO: Utilizada na área reservada para árvores frutíferas.

Acerola

NOME CIENTÍFICO Malpighia emarginata
ALTURA / DIÂMETRO 3M / 4M
Pode dar frutos mais de uma vez por ano se regada com frequência.
PROJETO: Utilizada na área reservada para árvores frutíferas.



Amoreira

NOME CIENTÍFICO Morus nigra
ALTURA / DIÂMETRO 8M / 8M
Sua copa ampla fornece sombra fresca no verão, mas, no inverno, perde as folhas e permite a passagem de luz. Pode ser utilizada em pomares e bosques, porém não é recomendada para arborização urbana e estacionamentos, pela queda dos frutos e folhas.
PROJETO: Utilizada na área reservada para árvores frutíferas.



Fonte: Catálogo de Espécies Vegetais FDE



A área de estudo

Fonte: Autora

6.

Referências

AGUIAR, D. Urbanidade e a qualidade da cidade 2012. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.141/4221>. Acessado em 14 de maio de 2016.

BORDE, Andréa. Vazios Urbanos: Avaliação Histórica e Perspectiva contemporânea. 2006.242f. Tese (doutorado em urbanismo). Programa de Pós-graduação em Urbanismo. UFRJ. Rio de Janeiro, 2006.

BORJA, J. La ciudad conquistada. Madrid: Alianza Editorail, 2003.

CLEMENTE, Juliana Carvalho. Vazio Urbano ou Subutilizado? Entre conceitos e classificações. Cadernos de pós-graduação em arquitetura e urbanismo. ISSN 1809-4120. 2011. Disponível em <http://www.mackenzie.br/dhtm/seer/index.php/cpgau>. Acesso em: 16 de janeiro de 2016.

CUNHA, R.D.A. Os espaços públicos abertos e as leis de uso e ocupação do solo: uma questão de qualidade para ambientes sustentáveis. III Enecs - Encontro Nacional sobre Edificações e Comunidades Sustentáveis. 2003.

DITTMAR, A. C. C. Paisagem e morfologia de vazios urbanos: análise da transformação dos espaços residuais e remanescentes urbanos ferroviários em Curitiba – Paraná. 230 f. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 2006.

FIGUEIREDO, L. Desurbanismo: Um manual rápido de destruição de cidades. In: I ENANPARQ – Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós- Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Rio de Janeiro, 2010.

FINO, Patrícia. Estância Turística de Salto – SP: Turismo por Decreto. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente – UNIARA, São Paulo, 2009.

GAETE, C. M. The Goods Line Project: O novo centro urbano de Sydney. 2014. ArchDaily Brasil. Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/601847/the-goods-line-project-o-novo-centro-urbano-de-sydney>. Acesso em: 10 de junho de 2016.

GATTI, S. Espaços Públicos. Diagnóstico e metodologia de projeto. São Paulo, ABCP, 2013. 91 p

GEHL, J. Cidade para Pessoas. Tradução Anita Di Marco. São Paulo: Perspectiva,. 2013.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO e FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO. Catálogo de Espécies Vegetais: Especificações da Edificação Escolar. São Paulo, 2012.

HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades. 3º ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

LEITE, M.A.F.P. Um sistema de espaços livres para São Paulo. Estud. av., São Paulo, v. 25, n. 71, 2011

LYNCH. K. A imagem da cidade. Lisboa, Edições 70, 1960.

MENNHE, M.H.; COELHO, A.M. Características do sistema de parques públicos urbanos da cidade de São Paulo. In: ENTAC, 8, 2000, Salvador. ANAIS, Salvador: ANTAC, 2000. 8 p. CD-ROM. Seção artigos.

NASCIMENTO, A. S. No vazio, caberiam casas, parques, fábricas... caberia muita cidade, 2014, 142 f.. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia - Presidente Prudente, 2014.

NEUFERT, Ernest. Neufert: Arte de projetar em Arquitetura. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

NOVO AMBIENTE. Superkilen: projeto urbano é projeto humano. 2014. Disponível em <http://novoambiente.com/blog/superkilen-projeto-urbano-e-projeto-humano/>. Acesso em: 09 de junho de 2016.

OLIVA, Jaime Tadeu. A cidade como ator social - a força da urbanidade. Em ALESSANDRI Carlos, Ana Fani; GERAIGES Lemos, Amalia Inés (Orgs). Dilemas Urbanos. Novas abordagens sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2003.

PAIVA, A. S. S. As barreiras urbanas no tecido da cidade: o processo de crescimento de Porto. Tese de Mestrado da Universidade Fernando Pessoa. Porto, 2015.

PEREIRA, Elson Manoel. Urbanidade e sustentabilidade de espaços públicos. In: X Encontro Nacional da ANPUR, 2003, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: Anpur, 2003.

PORTAL A SEMANA. Paraguaçu Paulista pode perder o título de Estância Turística, agosto de 2015. Disponível em: <http://portalasemana.com.br/portal/?p=30356>. Acesso em: 12 de janeiro de 2016.

PORTAS, N. Do vazio ao cheio. Caderno de Urbanismo, n. 2, 2000.

PREFEITURA MUNICIPAL DA ESTÂNCIA TURÍSTICA DE PARAGUAÇU PAULISTA. Disponível em < http://www.eparaguacu.sp.gov.br/>. Acesso em 09 de dezembro de 2015.

QUEIROGA, E. F. Do vazio ao espaço público: requalificando paisagens e reestruturando territórios. Paisagem e Ambiente: ensaios, 28. São Paulo, p.21 – 40, 2011.

QUIRINO, T. O que representa o título de Estância Turística?, abril de 2012. Disponível em: <http://jornalmaisnoticias.com.br/o-que-representa-o-titulo-de-estancia-turistica/>. Acesso em: 13 de janeiro de 2016.

ROLNIK, R. É possível política urbana contra a exclusão? . Serviço Social e Sociedade, São Paulo - Editora Cortez, v. 72, p. 53-61, 2002.

ROLNIK, R. O lazer humaniza o espaço urbano. In: SESC SP. (Org.). Lazer numa sociedade globalizada. São Paulo: SESC São Paulo/World Leisure, 2000.

ROMA, C. M. Segregação socioespacial em cidades pequenas. 2008. 156f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008.

ROSA, I. Vazios urbanos como vazios de preservação: Franco
da Rocha nas terras de Juquery. In: ROSA, I.; ZAHN C. E. A cidade sendo redesenhada pelos vazios: Franco da Rocha nas terras de Juquery. Tese de Doutorado. FAU-USP. São Paulo. 2005.

ROSA, R. S. As 10 melhores cidades para se viver na região Sudeste. 2016. Disponível em < http://www.semprefamilia.com.br/as-10-melhores-cidades-para-se-viver-na-regiao-sudeste/>. Acesso em: 07 de janeiro de 2016.

SOLÀ-MORALES, Ignasi de. Territórios. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

VILLAÇA, Flávio. Espaço intra-urbano no Brasil. São Paulo. Studio Nobel/Fapesp, 1998.



Perfil AA
Escala gráfica

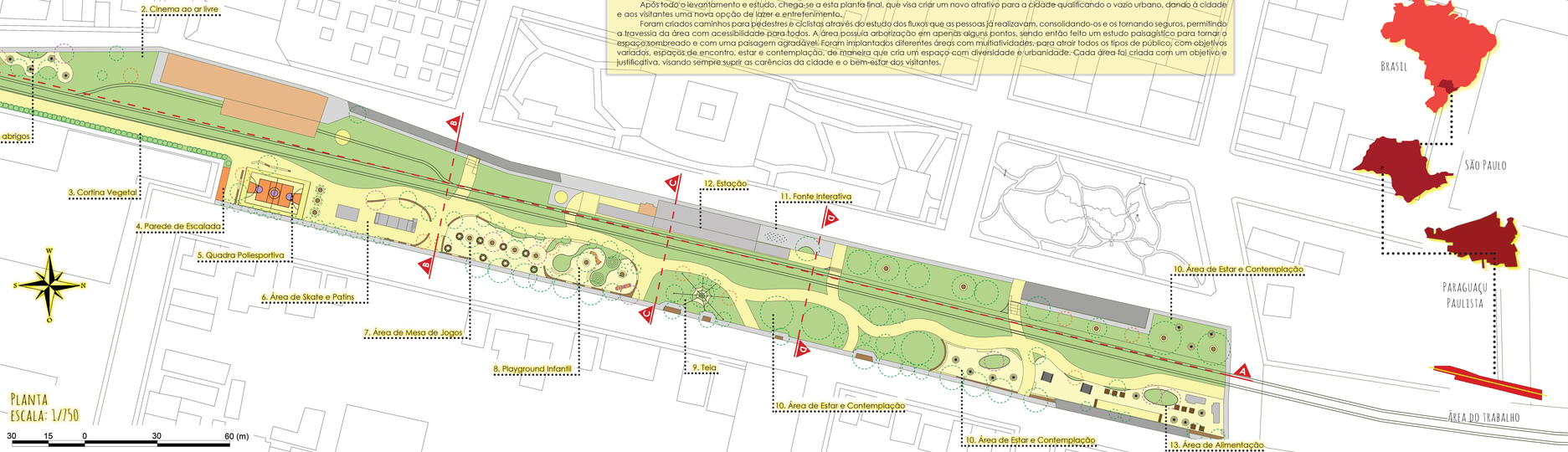
Paraguaçu Paulista, cidade do interior de São Paulo, localizada na porção centro-oeste do Estado, é um dos 29 municípios paulistas considerados Estâncias Turísticas. A cidade vem correndo o risco de perder esse título devido à má gestão, à precária manutenção dos atrativos turísticos já existentes e a falta de criação de novos projetos. Para manter esse título as cidades precisam apresentar condições de lazer, recreação, recursos naturais e culturais específicos, infraestrutura e serviços relacionados à atividade turística, planejamento adequado para fomentar tradição, cultura e preservação de patrimônios históricos. Paraguaçu não apresenta todos os itens citados, sendo então necessária, além da conservação dos atrativos já existentes, a criação de novos projetos que atraiam visitantes. Uma das carências da cidade é a ausência de um espaço público bem estruturado.

Outra problemática, é que a cidade encontra-se segregada socioespacialmente, apresentando como elemento divisor a linha férrea, que acaba desempenhando papel de barreira urbana, tendo como consequência o surgimento de áreas sem uso em suas margens, criando espaços vazios e abandonados, conhecidos atualmente como vazios urbanos.

As cidades estão em constante movimento e mudança devido às ações do homem, variando suas condições sociais, econômicas, culturais e ambientais (DITTMAR, 2006). Os seus espaços também estão sempre se modificando, o que acaba dando origem aos vazios urbanos, espaços sem planejamento adequado. Os vazios urbanos possuem implicações socioeconômicas, já que se tratam de porções de terra que não cumprem sua função social, não dando algum retorno a população, usufruindo de dinheiro público investido em uma infraestrutura urbana que acaba não sendo utilizada. São áreas de grande potencial para se tornar algo novo, mas que acabam sendo esquecidas e deixadas alheias a cidade.

A ferrovia já desempenha papel de barreira urbana por si só, e ao se juntar a esse vazio urbano acaba intensificando a segregação da cidade.

O trabalho tem como foco a qualificação do vazio urbano que surgiu através do desuso da linha férrea na área central da cidade, uma área bem localizada, com grande potencial turístico, e com grande potencial para se tornar um espaço público que dê retorno positivo para a cidade, incentivando o rompimento dessas barreiras e maior integração das áreas e das pessoas, através da criação de fluxos, meios de permanência, acessibilidade, urbanidade, propiciando o contato com a diversidade. Assim, criar um projeto que funcione como um novo atrativo para a cidade, de modo que a ajude a manter seu título de Estância Turística - algo de estimado valor pela população - de maneira que as pessoas se sintam convidadas a utilizar e permanecer, dando uma nova identidade ao lugar.

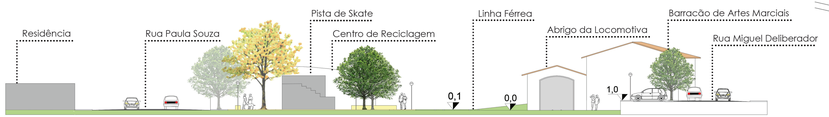


Planta
Escala: 1/750

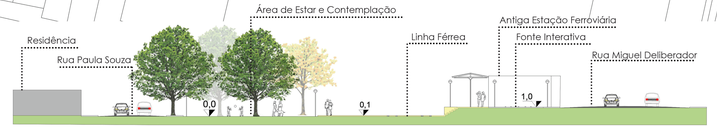
30 15 0 30 60 (m)

Após todo o levantamento e estudo, chega-se a esta planta final, que visa criar um novo atrativo para a cidade qualificando o vazio urbano, dando à cidade e aos visitantes uma nova opção de lazer e entretenimento.

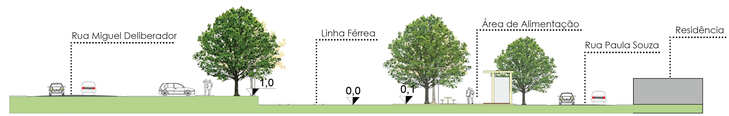
Foram criados caminhos para pedestres e ciclistas através do estudo dos fluxos que as pessoas já realizavam, consolidando-os e os tornando seguros, permitindo a travessia da área com acessibilidade para todos. A área possuía arborização em apenas alguns pontos, sendo então feito um estudo paisagístico para tornar o espaço sombreado e com uma paisagem agradável. Foram implantados diferentes áreas com multiatividades, para atrair todos os tipos de público, com objetivos variados, espaços de encontro, estar e contemplação, de maneira que cria um espaço com diversidade e urbanidade. Cada área foi criada com um objetivo e justificativa, visando sempre suprir as carências da cidade e o bem-estar dos visitantes.



Perfil BB
Escala gráfica



Perfil CC
Escala gráfica



Perfil DD
Escala gráfica

Legenda

Espécies Ornamentais

- Aldrago
- Alecrim de Campina
- Caroba Branca
- Chá de Bugre
- Chorão Ereto
- Ipê Amarelo
- Ipê Roxo de Sete Folhas
- Já Existentes na área

Espécies Frutíferas

- Acerola
- Amoreira
- Goiabeira
- Jabuticabeira
- Pitangueira

Espécie de Trepadeira

- Ipomeia

Espécies de Forração

- Agapanto
- Buxinho
- Clorófito
- Curculigo
- Lírio Amarelo
- Singônio
- Trapoeraba

Gramado

- Grama Batatais

- Canteiro de Terra

Iluminação

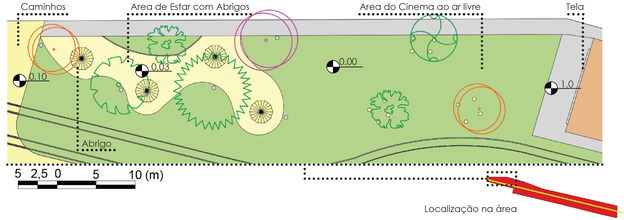
- Poste bilateral
- Poste unilateral
- Lamparina
- Refletor

1. Área de Estar com abrigos



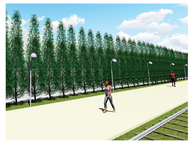
2. Cinema ao ar livre





Localização na área

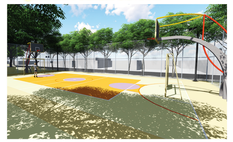
3. Cortina Vegetal

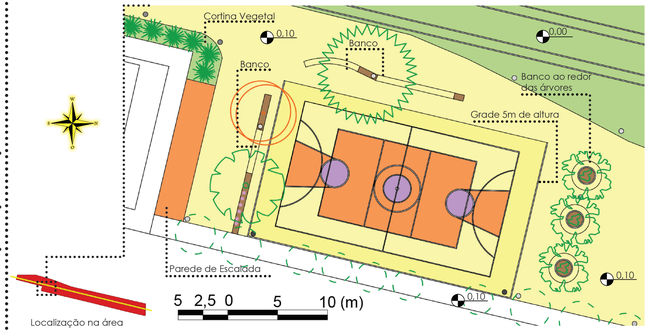


4. Parede de Escalada



5. Quadra poliesportiva



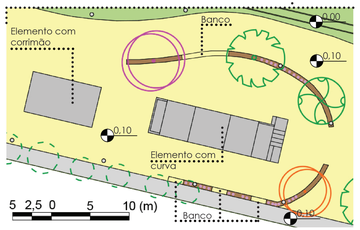


Localização na área

6. Área de skate e patins



Localização na área



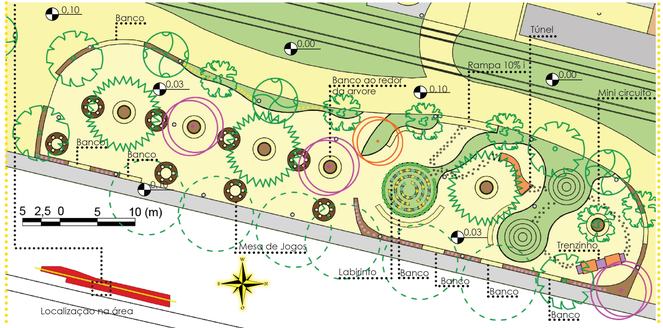
7. Área de Mesa de Jogos



8. Playground Infantil





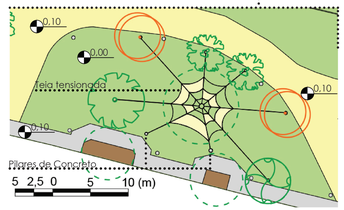


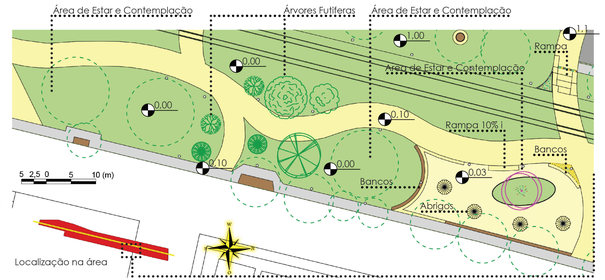
Localização na área

9. Tela



Localização na área



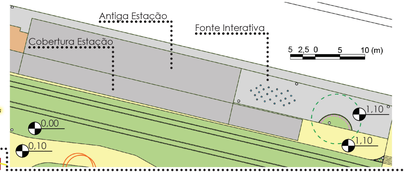


Localização na área

10. Área de Estar e Contemplação







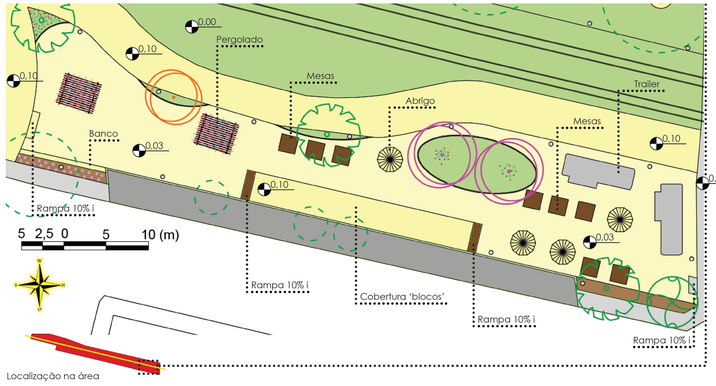
Localização na área

11. A Estação



12. Fonte Interativa





Localização na área

13. Área de Alimentação





Qualificação de Vazio Urbano em Paraguaçu Paulista - SP

Universidade Estadual Paulista
Jéssica Maria Luccini de Pádua

Planta das áreas e detalhes
Escala: indicada

2/2